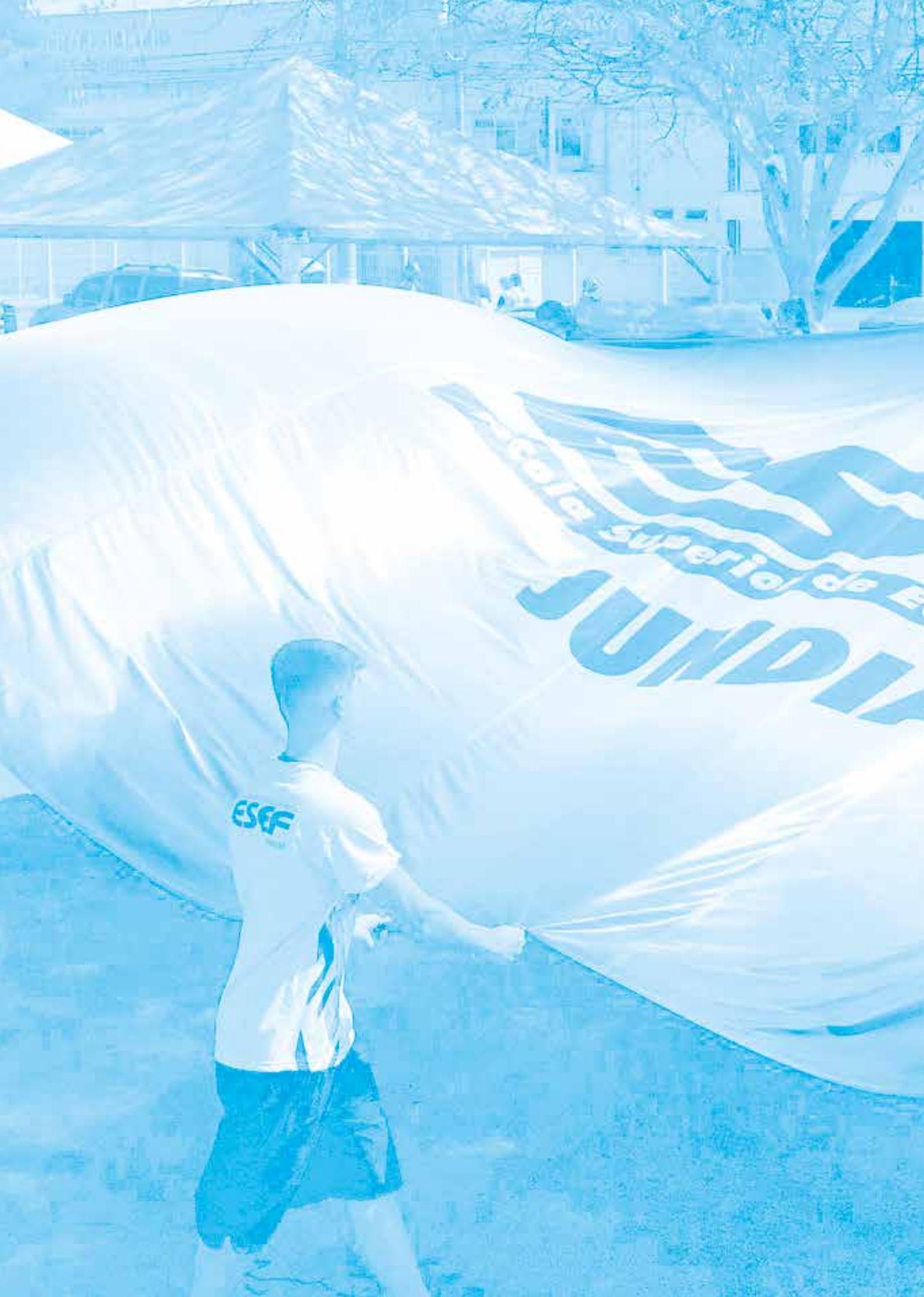


ESEF **50**
JUNDIAÍ Anos



ESEF

Coca Superio de ESEF
JUNDA

ESEF **50**
JUNDIAÍ Anos

Escola Superior de Educação Física



Pesquisa e edição: Mônica Tozetto de Barros Leite
Textos: Mônica Tozetto de Barros Leite, Adriano Rogério Celante e Davi Rodrigues Poit
Produção Editorial e Gráfica: LaserPress Editora
Impressão:
Tiragem:

Ficha catalográfica
ESEF. Escola Superior de Educação Física
de Jundiaí - 50 Anos.
Jundiaí: Laser Press Editora, 2022.



Prefeito do Município de Jundiá:
Luiz Fernando Machado

Diretoria

Diretor:

Prof. Dr. Davi Rodrigues Poit

Vice-diretor e Coordenador de Ensino:

Prof. Dr. Adriano Rogério Celante



Coordenações

Coordenador de Pesquisa:

Prof. Dr. Marcelo Conte

Coordenador de Extensão:

Prof. Dr. Olival Cardoso do Lago

Coordenadora de Avaliação Institucional e Estágio:

Profa. Dra. Maria Teresa Krahenbuhl Leitão

Coordenador do CEP:

Prof. Esp. Raphael da Silva

Administração

Secretária:

Profa. Michelle de Fátima Gaiotto Pinto Bigardi

Administrador Público:

Ricardo Alves Manacero



CAPÍTULO I	10
<i>Panorama geral da Educação Física</i>	
CAPÍTULO II	20
<i>Discussão sobre corpo e movimento se aprofunda</i>	
CAPÍTULO III	26
<i>Produção acadêmica de ponta</i>	
CAPÍTULO IV	31
<i>Grande reforma da educação nacional</i>	
CAPÍTULO V	35
<i>A reforma do Ensino Superior continua</i>	
ESEF EM AÇÃO	37
CONGRESSO	44
CHEERLEADING	46
GESTORES AO LONGO DA HISTÓRIA	48
ESEF EM NÚMEROS	49
CORPO DOCENTE 2022	50
EQUIPE ESEF	51
TURMAS 2022	52
DEPOIMENTOS	56
PROFESSORES	60
SERVIDORES	61
HINO	62



ESEF 50 Anos

O ano de 2022, herdeiro de uma crise sanitária e humanitária sem precedentes, começou com grandes desafios tanto para as pessoas quanto para as instituições. Mas são esses desafios que nos movem, no sentido de encontrarmos soluções e criarmos alternativas para o futuro, sem perder de vista o rico passado da nossa ESEF.

Temos a honra e a satisfação de abrir os trabalhos da presente obra, na condição de ex-alunos, docentes e agora diretor e vice-diretor da nossa querida instituição. Nas páginas que seguem, o leitor poderá desfrutar um pouco da bela história da ESEF. Foram cinco décadas de conquistas e realizações, ajudando Jundiaí e região no seu desenvolvimento.

Por se tratar de um recorte histórico da trajetória de uma instituição quinquagenária, estamos convictos de que muita coisa ficou de fora, principalmente em razão das limitações de espaço e de tempo, assim como por conta de escolhas que fomos obrigados a fazer. O leitor perceberá que as escolhas foram muitas vezes passionais, com o intuito de enaltecer os fatos e personagens, mas já nos antecipamos em pedir desculpas no caso de uma ou outra omissão.

Lembramos, ainda, que a presente publicação não se trata de uma mera comemoração de aniversário, mas da oportunidade de agradecimento à comunidade, aos alunos, professores, servidores, munícipes em geral, enfim, a todos que, de alguma maneira, ajudaram a construir uma instituição focada em prestar um serviço de excelência em educação para a comunidade. Recebam, portanto, nosso carinhoso muito obrigado!

Prof. Dr. Adriano Rogério Celante

Vice diretor

Prof. Dr. Davi Rodrigues Poit

Diretor

Panorama geral da Educação Física

a *Escola Superior de Educação Física de Jundiaí nasce na década de 1970 em meio a uma significativa transição paradigmática da Educação Física brasileira. A tradição dessa pretensa área do conhecimento, que remontava à década de 1930, foi fortemente influenciada pelo Movimento Ginástico Europeu (principalmente os métodos sueco, alemão e francês) e guiada por uma concepção dualista e mecanicista de corpo, amparada em pressupostos anátomo-fisiológicos e com propósitos voltados para a aptidão física.*

As práticas corporais gímnicas brasileiras das décadas de 1960 e 1970 – ainda com forte ranço eugenista, militarista e higienista – foram paulatinamente substituídas pelo Método Desportivo Generalizado, que constitui o critério sistematizador do conhecimento inerente à Educação Física. Portanto, a partir da década de 1960, sobretudo na década de 1970, esse método promoveu a “esportivização” da Educação Física brasileira, e o esporte foi incorporado às práticas pedagógicas, principalmente sob o argumento de que a ludicidade – própria das manifestações esportivas – era pedagogicamente mais interessante que as práticas repetitivas da ginástica. Por outro lado, as atividades esportivas também eram consideradas relevantes para a melhoria da aptidão física da população em geral e, por conseguinte, da maximização da força de trabalho, quesito fundamental para o crescimento econômico brasileiro. Todavia, foi a busca pelo máximo rendimento esportivo que acabou impulsionando tanto a produção científica na área – ainda que a Educação Física estivesse colonizada cientificamente pelas ciências já estabelecidas, principalmente as biológicas – quanto as práticas profissionais vinculadas ao esporte.

Nesse mesmo período, estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo. O Decreto nº. 69.450, de 1971 considerava a Educação Física uma atividade que, por seus meios, processos e técnicas, buscava desenvolver e aprimorar forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando. O principal objetivo da Educação Física, portanto, passou a ser a iniciação esportiva, a partir de aulas diretivas – ainda voltadas para a repetição de tarefas sob o comando do professor –, tomando como referência o esporte de rendimento, mas sem perder de vista a perspectiva da aptidão física e a concepção dualista e biológica de corpo. O papel do professor de Educação Física se confundia com o papel do técnico esportivo, e a formação superior nessa área tinha como meta a formação do professor para ministrar o esporte na escola, além de atuar como técnico esportivo junto a equipes de competição. Os currículos dos cursos de Educação Física – inclusive o da ESEF – tinham carga horária mínima de 1.800 horas, a ser integralizada em três anos, outorgando o título de Licenciatura Plena – habilitação para atuar na escola – com complementação para obtenção do título de técnico esportivo. As disciplinas dos cursos eram classificadas em básicas, profissionais e pedagógicas, e as modalidades esportivas compunham o rol das disciplinas profissionais, conforme previa a Resolução CFE nº 69/69.

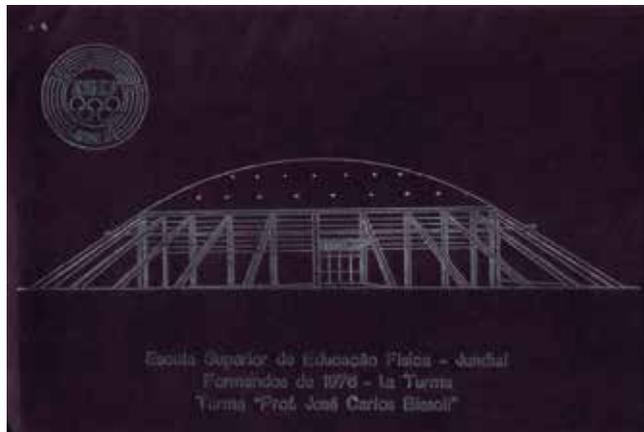
A realização de um sonho

Foi durante um almoço em 1971, no antigo restaurante do Parque da Uva, que Vicente Genovez confidenciou ao então prefeito Walmor Barbosa Martins - seu amigo pessoal - o sonho da construção de uma faculdade que formasse profissionais de Educação Física.

Na verdade, Genovez, embora tenha sido um dos grandes responsáveis pela movimentação das peças que culminariam na concretização do projeto, tinha em sua retaguarda um grupo de aficionados pelo esporte na cidade.

Dada a primeira cartada, teve início uma trajetória mais difícil do que o esperado e repleta de desafios. Em depoimento à revista de 35 anos da ESEF, Genovez (que posteriormente veio a falecer) falava que o processo de concepção da Escola era carregado de trâmites, que, embora superáveis, demandavam energia e criatividade. Era preciso, mais que tudo, justificar a importância e necessidade de uma instituição dessa natureza, com argumentos que seriam severamente avaliados pelo Conselho Estadual de Educação.

Genovez relatou também outros entraves a serem desbravados, como espaço para salas de aulas, implantação de uma biblioteca e o fato de haver outra faculdade de Educação Física numa distância inferior a 100 quilômetros da cidade de Jundiá. “Que desafio! Fomos inúmeras vezes para o Conselho Estadual de Educação, eu e a Sílvia Tayar, a primeira diretora da ESEF, para responder a inúmeros questionamentos. Foi tão exaustivo que em determinados momentos achei que o projeto não seria aprovado”, disse ele.



Primeira turma formada na ESEF em 1976

DEPOIMENTO

Hélio Maffia (1932-2021)

Anúncio na “Voz o Brasil”

“Minha participação na ESEF começou já em sua criação, em 1972. Quando foi autorizado o funcionamento, em 1974, eu já era diretor. Antes, era vice. Apesar de ter a cadeira de professor de futebol, nunca cheguei a dar aula. Preferi não misturar direção e sala de aula. Uma grande lembrança que tenho foi o anúncio, no rádio, no jornal “A voz do Brasil”, do funcionamento da ESEF, também em julho. O começo foi muito difícil. As aulas eram embaixo das arquibancadas e em curva. Não tivemos tempo para preparar o material necessário. Nessa época, eu trabalhava no Palmeiras, como preparador do time e então, pedi que me fizessem um Espaldar Móvel. Consegui, também, junto ao Ministério da Educação, um gladiador, que existe até hoje. E assim, a escola foi funcionando. Nós tínhamos um problema na piscina, um vazamento. As aulas eram aos sábados e então, precisávamos enchê-la na sexta à noite. As carteiras que arrumei foram as dos primeiros alunos do Mobral, arrumadas para receber o presidente Emílio Garrastazu Médici, criador do sistema. A sala que recepcionou o presidente virou secretaria e os estofados que vieram para atendê-lo, ficaram na minha sala. A Faculdade de Medicina nos ajudou muito, cedendo espaço para as aulas de anatomia. Mas muita coisa eu consegui pelo meu bom relacionamento em Brasília, inclusive livros didáticos. Como diretor, eu era severo. Esse era o meu jeito. Gosto de levar as coisas a sério. Com 35 anos, estava no auge da minha carreira. Trouxe para a ESEF um método chamado Ginástica Desportiva Generalizada. Também trazia muita gente pra escola para dar palestras, inclusive nomes internacionais. Exigia bastante das turmas e também, acompanhava.

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)

DEPOIMENTO

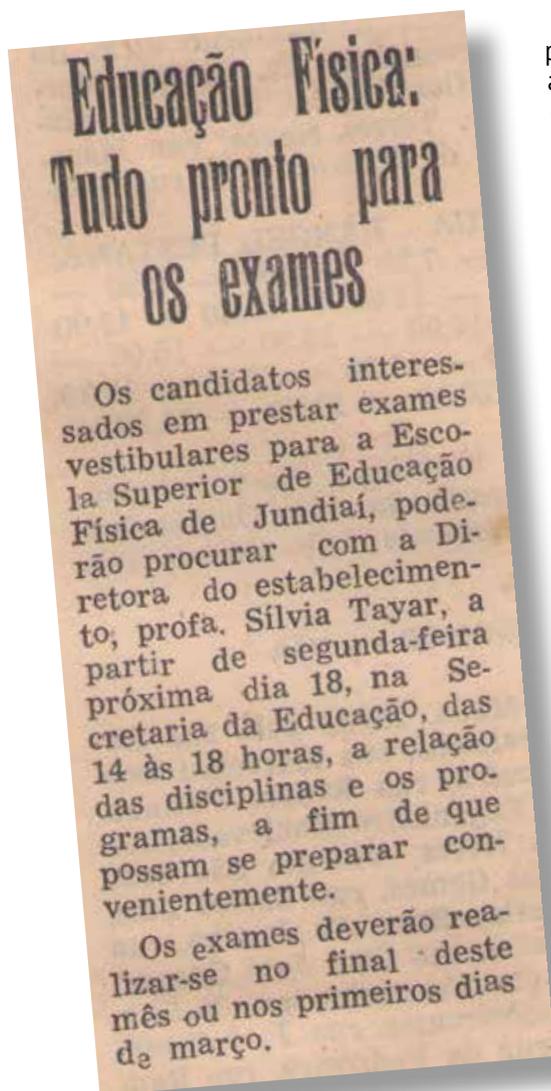
Maria de Lourdes Potenza

Processo detalhado

"Na década de 70, quando era supervisora regional do SESI, função na qual me aposentei, fui convidada para ser Secretária de Educação, Cultura e Assuntos Gerais, como então se chamava a secretaria, na gestão de Walmor Barbosa Martins. Nessa época, surgiu a ideia de se criar uma faculdade de Educação Física na cidade e eu montei todo o processo. Tive muito contato com o Conselho Estadual de Educação para fazer tudo dentro das normas, a fim de que a aprovação fosse certa. Tudo ficou pronto no último ano da gestão. Ai, levei o processo e eles disseram que estava certo. Eu perguntei: "Então, vocês vão aprovar?" E eles responderam que dependia da próxima gestão. Como estávamos em ano eleitoral, não sabíamos quem ia ganhar. Era um processo muito detalhado para aprovar e correr o risco da outra administração não concordar com a Faculdade. Ia ficar um negócio aprovado, que podia caducar. Fiquei muito triste, porque tive muito trabalho. Ibis Cruz foi eleito e no final das contas, o processo foi aprovado."

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)

Empenho e sucesso



Depois dos muitos obstáculos superados, no dia 5 de julho de 1972 a Escola Superior de Educação Física foi autorizada a funcionar. Criada como autarquia municipal, tinha o objetivo de formar professores de Educação Física e técnicos desportivos. Inicialmente, os cursos tinham três anos de duração. A exemplo de outras escolas semelhantes no Brasil, a de Jundiá escolheu o modelo tecnicista, voltado para o esporte de rendimento, seguindo os ditames do regime militar que na época comandava o Brasil. O grupo fundador também pretendia utilizar os futuros professores em escolas municipais.

Mesmo com os trâmites legais em dia, a primeira aula só viria a ser ministrada dois anos depois. Sylvia Tayar, a primeira diretora da ESEF, nomeada no dia 9 de outubro de 1973, através da Portaria 339, mantinha contatos constantes com as autoridades estatais para apressar o funcionamento da instituição. Empenhada em ver os alunos assentados nos bancos da faculdade, em fevereiro de 1974 ela foi, pessoalmente, ao Palácio dos Bandeirantes, a fim de solicitar a assinatura do governador Laudo Natel para o estágio final.



A primeira turma da ESEF em pose de juramento



A aula inaugural da ESEF foi realizada por Moacyr Expedito Vaz Guimarães, presidente do egrégio Conselho Estadual de Educação e um dos responsáveis pela criação da escola. Na foto, ele é cumprimentado pelo professor Nassib Cury

As provas, finalmente!

Em fevereiro de 1974, eram anunciados os primeiros vestibulares da ESEF. As provas estavam marcadas para o dia 25 daquele mês e a escola oferecia 120 vagas. No dia marcado, compareceram 60 estudantes. A autorização final para o funcionamento da instituição, porém, só chegou no dia 19 de março, através do decreto 73.831, assinado pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici. Por conta disso, outro vestibular teve que ser realizado, dessa vez em abril. A parte positiva é que o número de inscritos subiu para 75. No dia 1 de julho, às 19h30, assentava nos bancos da instituição a primeira turma da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí.

Mesmo estando em plena atividade, no dia 18 de setembro foi realizada uma aula inaugural, ministrada por Moacyr Expedito Vaz Guimarães, então presidente do egrégio Conselho Estadual de Educação e um dos responsáveis pela criação da Escola.

Para encerrar as emoções dos acontecimentos do primeiro ano de funcionamento da ESEF, o nome de Hélio Maffia é referendado, com 13 votos a zero, para ocupar o cargo de vice-diretor da Escola.



No dia 18 de setembro de 1973, foi realizada a aula inaugural da ESEF. Na foto, professores reunidos, sob o comando da primeira diretora, Sílvia Tayar (de preto)

DEPOIMENTO

**Luiz Felipe Westin
Cabral de Vasconcelos**

Parceria com a Medicina

“Dei aula para as duas primeiras turmas da ESEF, na cadeira de Fisiologia do Esporte. De início, o perfil de alunos que procuravam a escola eram antigos atletas e dirigentes. Pessoas interessadas e com alguma relação com o esporte. Os alunos eram mais velhos e havia muita variedade. Isso fez com que a turma fosse muito heterogênea e foi necessário adaptar as informações. Também acabei trocando muita experiência com eles. Apesar da bagagem profissional, chegavam com informações erradas sobre dietas e traumas. Também pude trabalhar isso.

O primeiro ano da faculdade foi de troca de informações. Buscávamos sedimentar o currículo. Tivemos que recorrer à nossa inventividade. Sem contar que passávamos por problemas brasileiros, como a ditadura. A escola tinha três núcleos: o médico, que falava de anatomia, fisiologia e socorros de urgências. Depois, a pedagógica abrangia planos e métodos de aula e o núcleo esportivo, tanto prático como teórico. Foi acrescentado História da Educação Física e Psicologia.

No meu segundo ano na ESEF, ministrei Socorros e Urgências. Como era professor de Ortopedia da Faculdade de Medicina de Jundiaí, fizemos uma troca de ofícios. Seleccionei alguns preceptores do sexto ano da FMJ, que monitoravam os alunos da ESEF em visitas ao Hospital São Vicente. Passavam o sábado todo lá, acompanhando cirurgias, gessos, raio X, parto. Funcionou muito bem e foi uma experiência enriquecedora para os alunos”

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)



Minha história com a ESEF



Vim para Jundiá em 1971, e o meu primeiro emprego foi na Faculdade de Medicina de Jundiá (FMJ). Em 1973, como encarregado da Secretaria Acadêmica da FMJ, prestei consultoria para a estruturação da Secretaria da ESEF – Escola Superior de Educação Física de Jundiá, a convite da primeira Diretora, Profa. Sílvia Tayar. Estimulado pela diretora prestei o primeiro vestibular, sendo aprovado em terceiro lugar. Para mim era tudo novo, pois nos colégios onde estudei, a estrutura para as atividades físicas era precária. As quadras não possuíam tabela de basquete nem rede para a prática do voleibol. Natação então nem pensar. A prática comum foi o futebol de salão.

Na ESEF a primeira grande provação foi a ginástica, ministrada pelo Prof. Milton Cesar Prado da Silveira. As aulas eram aos sábados, das sete às doze horas. Nem preciso dizer que ao chegar em casa não tinha ânimo para nada, pois o corpo todo doía, e só queria um banho e cama. Com os colegas não era diferente. Com o tempo nos acostumamos.

As aulas teóricas eram ministradas em salas improvisadas sob as arquibancadas do Bolão. O Professor Jurandir lenne, também era rigoroso nas aulas de Atletismo. Incentivou o colega Amaro Barbarini para essa modalidade esportiva, com grande contribuição para o Atletismo em nossa Jundiá. As aulas práticas de Anatomia eram ministradas pelos professores da FMJ, no Laboratório de Anatomia da FMJ, nas quais tive bom aproveitamento e aprendi muito.

Fato curioso foi o estágio de primeiros socorros, cujo Professor era o Dr. Luiz Philippe Westin Cabral de Vasconcellos, e também Professor de Ortopedia e Traumatologia da FMJ. Passei uma noite no Pronto Socorro Municipal, onde pude auxiliar um sextoanista

de Medicina, meu particular amigo, no atendimento rotineiro e assisti até um parto cesáreo, no centro cirúrgico do Hospital São Vicente.

Outra curiosidade era a disciplina de Natação, ministrada pelo Prof. Cássio Jugurtha Fraga, na piscina do Colégio Divino Salvador, na Vila Arens. Todas as noites fazia frio, mas mesmo assim tínhamos que cair na piscina, com exceção do professor, um privilegiado.

No curso de Judô, ministrado no próprio Bolão pelo Prof. Takeshi Saito, fui sempre a vítima para demonstração de todos os golpes. Nem preciso dizer que, ou aprendia a cair ou morria nas quedas.

Com os colegas da primeira turma fizemos boas amizades, sempre cultuadas e consolidadas nas cervejadas após as aulas. Todos os professores eram muito competentes e dedicados e também resultaram e boas amizades, principalmente os ligados à FMJ, onde permaneço até hoje.

Pude comprovar a qualidade do curso concluído na ESEF quando, em 1986, prestei concurso para Professor do Estado e fui bem classificado. Paralelamente às minhas funções da FMJ, que era ameaçada de fechamento, ministrei aulas de Educação Física em São Paulo, inicialmente. Após, fui transferido para Campo Limpo Paulista, Escola Estadual 15 de outubro, na qual apesar do grande número de alunos éramos apenas dois professores, mas conseguimos, nos jogos escolares, o troféu definitivo para a Escola. Ainda permaneci no magistério estadual por mais dois anos. A experiência foi muito rica e sou agradecido à ESEF pela boa formação profissional recebida. Registro minhas homenagens aos dedicados docentes e diretores da ESEF e aos colegas da primeira turma.

Carlos de Oliveira Cesar

1975: a segunda turma

Com um total de 82 alunos, tinha início a segunda turma da faculdade. E o primeiro trote! Organizadas pelo Diretório Acadêmico, as tarefas incluíam diversão e trabalho social.

No primeiro dia de aula, as alunas deveriam vir travestidas de homem e os alunos, de mulheres. A brincadeira teve direito a desfile nas passarelas do ginásio Nicolino de Lucca, com júri composto de professores. Os “bixos” deveriam doar, também, dez quilos de alimentos, que seriam entregues à Associação Protetora de Menores. Para fechar com chave de ouro o início do ano letivo, o DA organizou churrasco com futebol - inclusive feminino - e o “Baile do Bixo”, com animação da Banda Kripta.

Porém, nem tudo foi recheado de alegria nesse segundo ano. Em 16 de junho, a diretora Silvia Tayar é exonerada. E, em julho, a faculdade, juntamente com outros mais de 350 cursos superiores, ficou ameaçada pelo Ministério da Educação de não realizar novos exames vestibulares, por ainda não ter o reconhecimento do MEC. Para minimizar os problemas, a ESEF anuncia, no final do ano, as inscrições para o vestibular de 1976.

DEPOIMENTO

Ataércio Borelli

As primeiras aulas de futebol

“Me formei em Educação Física pela PUCC, em 1974. Em 1976, fui convidado para ensinar futebol na ESEF. Estávamos todos começando e ninguém sabia muita coisa. Eu fui preparando as aulas de tal maneira que hoje, inclusive, estão virando livro. Fui evoluindo, pesquisando. Desenvolvia a teoria na ESEF e depois, treinava na prática com a criançada que eu ensinava no SESÃO. Tenho guardado os primeiros textos que fiz para as aulas, datilografados numa Olivetti. A evolução foi grande. Os últimos já estavam em slides. Eram onze temas, simbolizando as onze posições do futebol. Eu tinha uma maneira de dar aula que o que era combinado, não era caro. No primeiro dia, apresentava um cronograma, onde constavam aulas, trabalhos e provas. Nunca tive problemas disciplinares. Com a primeira turma que se formou, aprendi muito. Era um pessoal experiente, vivido no esporte. Trabalhei também com ótimos profissionais. Uma coisa boa que fazíamos eram pesquisas a fim de saber o que o mercado estava precisando. Depois, nos reuníamos e montávamos as aulas baseadas nos dados coletados. Achava complicado dar aula pra jogador profissional, porque eles pensavam que sabiam tudo. Mas lá o que aprendiam eram as regras e como



Alunos e professores da primeira turma. De verde, o então diretor Hélio Maffia

passá-las para as crianças. Fiquei como professor da ESEF de 1976 a 2004. Dei aula de Futebol, Natação, Prática de Ensino, Metodologia do Treinamento. Passei por vários estágios, a começar debaixo da arquibancada. Quando tinha jogo, era impossível dar aula. E como a sala era curva, não enxergávamos os últimos alunos. Em dia de prova, todos queriam sentar na curva.

Passei duas temporadas como professor de Natação. A classe era grande, entre 70 e 80 alunos. Uma parte nadava, a outra se virava e uma outra tinha medo de por o pé na água. E eu tinha que passar noções do nado, pelo menos dos quatro necessários. Tudo isso em poucas aulas, numa piscina funda, gelada e nem um pouco pedagógica.

(Entrevista realizada em 2012, para para o livro de 40 anos)

Resiliência: palavra de ordem

Mesmo com todos os problemas, o grupo que liderava a ESEF se manteve unido e forte, entrando com força total em 1976. Como era preciso prestar um exame de aptidão em esportes para ingresso no curso - além das provas vestibulares - neste ano a instituição ofereceu um cursinho preparatório para os inscritos, passando alguns conceitos básicos de handebol, voleibol, atletismo, basquetebol e ginástica.

O professor Hélio José Maffia, que assumiu a direção da faculdade em maio, anunciava que a ESEF não abandonaria a luta pelo processo de reconhecimento e o aumento de seus recursos pedagógicos, como a compra de projetores.

Investindo cada vez mais na qualidade e diferenciação do Ensino, a escola trouxe, entre agosto e setembro, o professor francês Auguste Listello, preparador técnico e físico de seleções francesas, para ministrar o Curso Internacional de Educação Física Brasil-França. Com 30 horas/aula, abrangia amplos aspectos da organização e métodos de ensino, incluindo exposições teóricas e práticas.

Em novembro, a Escola realizou sua primeira Semana de Educação Física de Jundiaí, evento que deu origem ao Congresso de Educação Física, realizado até hoje. Com várias palestras e atividades, o encontro reuniu presenças de destaque, como o professor Moacir Datuto, na época diretor da Escola de Educação Física da USP e Antonio Carlos Moreno, então jogador da Seleção Brasileira de Voleibol.

O tão esperado reconhecimento

A Escola Superior de Educação Física de Jundiaí é uma autarquia municipal. Foi criada através da Lei Municipal nº 1913, de 5 de julho de 1972 e autorizada a sua instalação e funcionamento pelo decreto Federal nº 73.831, de 13 de março de 1974. Foi reconhecida pelo Conselho Federal de Educação através do parecer nº 266/77, de 20 de abril de 1977. Finalmente, foi reconhecida pelo Decreto Federal nº 80.213, de 23 de agosto de 1977.



O primeiro logotipo da ESEF, que faz uma referência ao Bolão, visto de cima

Participação no Projeto Rondon

Em 1978, a ESEF, através de alguns alunos, participou do Projeto Rondon. O primeiro estudante a ingressar nessa aventura foi Reinaldo Galvão de Melo, do 3º ano, que rumou para Cruzeiro do Sul, no Acre, às margens do Rio Juruá. Com 22 anos, o pernambucano queria conhecer melhor a situação brasileira. Ficou por lá durante um mês. Depois, foi a vez de outros, como Marlene Menegaglia e João Montecalvo, que ficaram 40 dias na mesma área.

No ano seguinte, 1979, a ESEF ganhou um fôlego novo, com a posse do vice-diretor Afonso Antonio Machado. Professor de voleibol da escola, entre seus objetivos estava um trabalho de ligação entre alunos, corpo docente e secretaria. O cargo estava vago há um ano, depois que Brasil Campos Júnior pediu demissão.



O professor José Antonio Galego em início de carreira

DEPOIMENTO

José Antonio Galego

ESEF, uma verdadeira família

“Lembro que nos primeiros anos de ESEF havia um pessoal mais maduro, muitos com mais de 50 anos, a maioria já casado, com filhos. O perfil era de quem já atuava na área, mas ainda não tinha um diploma. Na minha turma havia alguns treinadores, inclusive. Eles raramente faltavam à aula, estavam sempre presentes. Uma verdadeira família. A visão da Educação Física estava focada em aulas práticas. Alunos sem aptidão física não entravam. Nessa primeira fase, porém, os equipamentos tecnológicos eram escassos: uma televisão e um aparelho de som, que eram transportados em um carrinho, entre um professor e outro. Quando mais de um queria, era briga na certa. Dei aulas durante 30 anos, até assumir como diretor.

“A Educação Física mudou muito com o passar do tempo. Quando eu estava na faculdade, havia os exames práticos. Se você fosse brilhante e não tivesse habilidade, não entrava. Tínhamos provas de atletismo, natação, coordenação motora, agilidade, flexibilidade. Tinha que ser um pouco atleta. A linha era militar. Usávamos uniforme e o professor revistava-nos para saber se estava tudo certinho. Lembro que certa feita comprei um tênis Adidas, com três listrinhas azuis e não pude usar. Tinha que ser tudo branco e limpo. Meias, shorts, camisetas brancos. Quando comecei a dar aula na ESEF, o perfil era esse e ficou assim até 82, 83. Mudou pela questão de direitos humanos, porque as pessoas que tinham problemas físicos não podiam participar”.

“Quando eu assumi a direção, em 1997, a escola estava falida. A gente controlava até papel higiênico. Fomos procurar o prefeito, na época Miguel Haddad e expusemos a situação. Ele nos respondeu que a escola não era viável. Mas nós não nos demos por vencidos. Estávamos assumindo, eu e o Fernando e íamos fazer tudo que fosse necessário

para viabilizar o projeto. Criamos o período diurno, passando para quatro turmas ao invés de duas, inauguramos outros cursos e começamos a crescer. Dois anos depois avisamos o prefeito que não queríamos mais a verba, porque já éramos auto-suficientes.

"Antes do final do primeiro mandato, já tínhamos um prédio novo, com quatro salas de aula, uma saleta e sanitários. Cada uma tinha sua TV e vídeo. Em seguida, começamos a construção do prédio administrativo, com biblioteca, sala de professor, DA. Sozinhos, com dinheiro da própria faculdade. Equipamos com a tecnologia necessária. Hoje tem tudo que as melhores faculdades do Brasil podem oferecer em conforto para aulas teóricas e práticas.

"No segundo mandato, pensamos em ocupar o outro lado da rua. A piscina era aquecida, mas estava abandonada. Tinha trinca, vazava água, as crianças pulavam lá à noite, defecavam. Era um horror. Arrumamos a piscina olímpica para uso da comunidade e ficamos com a velha. Daí, construímos um prédio novo, com academia, laboratório, salas de aula, anatomia. Hoje tem tudo lá e atendemos toda a população com projetos sociais.

Nós colocamos o coração na administração, principalmente com os funcionários. E eles são extremamente generosos com quem está na direção, amam o que fazem. Tivemos muita sorte, mas procuramos dar o maior conforto possível para todos que trabalham e estudam na ESEF."

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)



Duas chapas disputaram ontem a Diretoria do Diretório Acadêmico «5 de Julho», da Escola Superior de Educação Física. Na foto vemos a prefa. Sílvia Taylor (Diretora), ao lado do prof. Heitor Maifia e dos integrantes da Chapa «Integração para o futuro — 5 de Julho». Os resultados serão conhecidos hoje.

Duas chapas para o DA

Em agosto de 1974, duas chapas disputaram a primeira direção do Diretório Acadêmico 5 de Julho. O presidente eleito foi Elliot Rehder Bittencourt. Entre os objetivos do grupo estava a discussão dos problemas da Escola. Foram eles também que escolheram o uniforme da ESEF, com a predominância das cores azul claro e escuro. O primeiro distintivo levava as cores das bandeiras brasileiras, paulista e de Jundiá, com as iniciais sobre os aros olímpicos.

As primeiras disciplinas e seus docentes

As aulas na Escola Superior de Educação Física eram noturnas, de segunda a sexta-feira, das 19h30 às 23 horas e aos sábados à tarde. No primeiro ano, os alunos estudaram as seguintes disciplinas:

- Biologia – Náercio Correa dos Santos
- Fisiologia – Luiz Felipe Westin Cabral de Vasconcelos
- Anatomia – Orlando Sebastião Garcia
- Psicologia da Educação – Maria Teresa Genovez
- História da Educação Física – Vicente Genovez
- Estudo dos Problemas Brasileiros – José Renato Nalini
- Voleibol – Vitório Angelo Durigatti
- Basquetebol – Flávio Bertola Facca
- Atletismo – Jurandir lenne
- Handebol – José Carlos Bissoli
- Ginástica masculina – Milton César Prado Silva



Encontro de autoridades: o então prefeito Walmor Barbosa Martins com o então diretor da ESEF, Hélio Maffia

União e bola no pé

A união sempre foi marca forte na ESEF. Em setembro do primeiro ano de funcionamento, um time de futebol montado por professores e alunos da escola disputou um amistoso com a Sintofarma, no campo do Dal Santo, empatando o placar em 1x1. A equipe era formada por: Zaparoli, Pascoal, Batista, Clóvis, Jughurta, Emerson, Bissoli, Beltrame, Buso, Paulinho e Val.



Prof. Galego conduzindo a bandeira da ESEF

Olimpíada

Entre os dias 5 e 18 de outubro de 1975, foi realizada a I Olimpíada Universitária de Jundiáí, com a união dos cursos de Economia, Medicina, Direito e Educação Física. A finalidade principal era integrar os estudantes.

DEPOIMENTO

Evandro Grioles

Disciplina de base

“Entrei como professor de Biologia, numa transição entre os diretores Nasib e Maffia. O curso ainda estava se organizando e a ementa da Biologia era meio conflituosa. Mas fomos crescendo juntos com o curso, montando a base para dar assistência às disciplinas de Fisiologia e Anatomia. Fiquei lá durante três anos, embaixo da escada do Bolão. Apesar do barulho, era gostoso, porque o aluno tinha um perfil diferente. Era mais tranquilo.

Quando entrei, havia um movimento de resgatar a Educação Física do pré-conceito de que para ser professor da área não tinha que estudar muito. O aluno tinha que saber muito de anatomia, fisiologia e biologia. E o curso tem esse grau de excelência até hoje.”

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)

Discussão sobre corpo e movimento se aprofunda

A década de 1980 pode ser considerada um divisor de águas para a Educação Física brasileira. Algumas correntes teóricas como a Psicomotricidade e a Aprendizagem Motora inauguravam uma discussão mais densa sobre corpo e movimento. Fundamentada na psicologia desenvolvimentista, a Aprendizagem Motora trazia uma concepção de corpo articulada com as esferas do comportamento, ou seja, aspectos cognitivos, sociais, motores e afetivos. Sem abandonar os conteúdos esportivos, a Educação Física passa a olhar para o desenvolvimento da lateralidade, da coordenação motora, da percepção e do equilíbrio, além da ênfase nos processos de aquisição de habilidades motoras.

Os métodos de ensino deixavam de ser totalmente diretivos, impulsionados pelos questionamentos acerca do papel educativo da Educação Física na escola. As primeiras produções acadêmicas da Educação Física apontavam para novas tendências na área, e foi nesse cenário que o professor João Paulo Subirá Medina propôs que a Educação Física brasileira precisava entrar em crise para, posteriormente, constituir sua nova identidade. Vale ressaltar que nesse período o país passava por um processo de redemocratização, e às recém-criadas organizações da sociedade civil, assim como entidades estudantis, sindicais e partidárias agregavam-se setores do meio acadêmico, reconhecidos pelas suas características progressistas.

É nesse período, também, que se efetivaram os primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física (iniciados na USP, no final da década de 1970), que professores brasileiros retornaram ao país após se doutorarem no exterior e que ganharam força as primeiras entidades científicas (iniciadas pelo CBCE, criado em 1978), fazendo crescer o debate acadêmico verificado tanto em congressos como nas publicações em livros e revistas especializadas. Foi durante o final da década de 1980 que germinaram as principais abordagens pedagógicas da Educação Física escolar, inauguradas pela publicação do livro “Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista”, no ano de 1988, seguida pelo livro “Educação de corpo inteiro”, em 1989, representando as abordagens desenvolvimentista e construtivista, respectivamente.

Ainda que os processos de redemocratização do país, de cientificização da Educação Física e de multiplicação das produções acadêmicas em todas as áreas fossem profícuos em todos os sentidos, as políticas públicas de financiamento de pesquisas e produções acadêmicas ainda estavam se firmando, e a destinação de recursos não era nada equilibrada, o que promoveu confrontos entre ciências, áreas e perspectivas científicas. Na Educação Física esse fenômeno se acirrou de tal maneira que beirava a luta entre o bem e o mal, polarizando diferentes visões de mundo e fundamentações teórico-metodológicas dentro de uma mesma área do conhecimento.

A formação superior em Educação Física também foi alvo de inúmeras críticas, e a Resolução CFE 03/1987 apresentava uma nova perspectiva para o profissional dessa área, a partir da distinção entre licenciatura e bacharelado. No entanto, apesar de muitos avanços, tais como a ampliação da carga horária para 2.880 horas, e do período de integralização para quatro anos, além do estabelecimento de quatro áreas do conhecimento a serem contempladas durante a

formação (conhecimento filosófico, conhecimento do ser humano, conhecimento da sociedade, conhecimento técnico), com ênfase nos saberes humanísticos, a formação do licenciado e do bacharel, por uma questão meramente mercadológica fundiu-se num único curso de quatro anos, negligenciando as particularidades das diferentes áreas de intervenção. Na ESEF, as adequações exigidas pelas novas diretrizes passaram a vigorar a partir do ano de 1990.

Crescimento e consolidação marcam década

Com um número cada vez maior de alunos se interessando pelo currículo da instituição, a ESEF entra na década de 1980 experimentando sólido crescimento. A quarta turma recebia o diploma para ingressar no mercado de trabalho.

Sempre acompanhando as novidades da área, aterrissavam na Escola modalidades como a formação Técnica de Ginástica Rítmica Desportiva, aplicada pela professora Maria Lúcia Faria de Barros. Com 210 horas, o curso realizado aos sábados à tarde, tinha lotação total.



Embaixo das arquibancadas do Bolão, as salas de aula eram em curva

DEPOIMENTO

José Renato Nalini

Minha passagem pela ESEF

Devo ao saudoso Professor NASSIB CURY a experiência prazerosa de viver os primeiros anos da Escola Superior de Educação Física de Jundiá.

Ele já me propiciara o desafio pioneiro do magistério no glorioso Instituto de Educação Experimental "Jundiá", onde respondi por aulas de Sociologia num curso de Aperfeiçoamento de Professores. Quando se instalou a ESEF, no Ginásio de Esportes "Dr. Nicolino de Lucca", tive contato com o universo daqueles que sabem cuidar do corpo, sem descuidar da mente.

Foi um período muito feliz. Os alunos eram companheiros, interessados, amistosos e afetivos. Convivi com eles e fiz muitos amigos. Ganhei até um apelido: "forame". Salvo engano,

é o nome de um orifício e, inadvertidamente, fui com um sapato que ostentava um círculo fragilizado e que iria se tornar verdadeiro furo se não fosse submetido rapidamente às artes de um sapateiro.

Justamente eu, que sempre fora negação nos esportes – lembro-me de que nas aulas de Educação Física ministrada pelo Prof. Daniel Hehl Cardoso, eu só era escolhido para as pelepas porque senão havia o risco de não passar cola para os "capitães do time" – passei a passar bom tempo com os ases da atividade física.

Eram professores, a essa época, amigos queridos. José Carlos Bissoli, que conheci na infância, quando ambos éramos alunos da Escola Paroquial Francisco Telles, o grande Hélio José Maffia, legenda no esporte brasileiro. Reencontrei Luiz

Provas práticas

Nos anos de 1980, as provas práticas ainda eram obrigatórias para ingressar nos bancos da Escola Superior de Educação Física de Jundiá. Os alunos precisavam passar por nove exercícios, realizados em forma de circuito, além dos testes de basquete, vôlei, handebol, atletismo e ginástica.

Outras qualidades físicas também eram exigidas, como impulsão, coordenação, flexibilidade, velocidade e destreza, bem como habilidades que envolviam dribles, transpor barreiras, cambalhotas e saltos. Os professores verificavam o potencial de cada candidato, mas geralmente não havia tempo mínimo para realização das provas. A cada erro, porém, era preciso retornar ao exercício do começo, até conseguir atingir o limite estipulado.

A justificativa para aplicação dos exames práticos era que serviriam como orientação para que os professores construíssem seus programas de atividades, desenvolvidos durante o ano letivo, com base nas reais qualidades dos estudantes.

Philippe Westin Cabral de Vasconcellos. Mas também conheci gente nova, como a professora Maria Lúcia Faria de Barros e Elenir Vasconcellos.

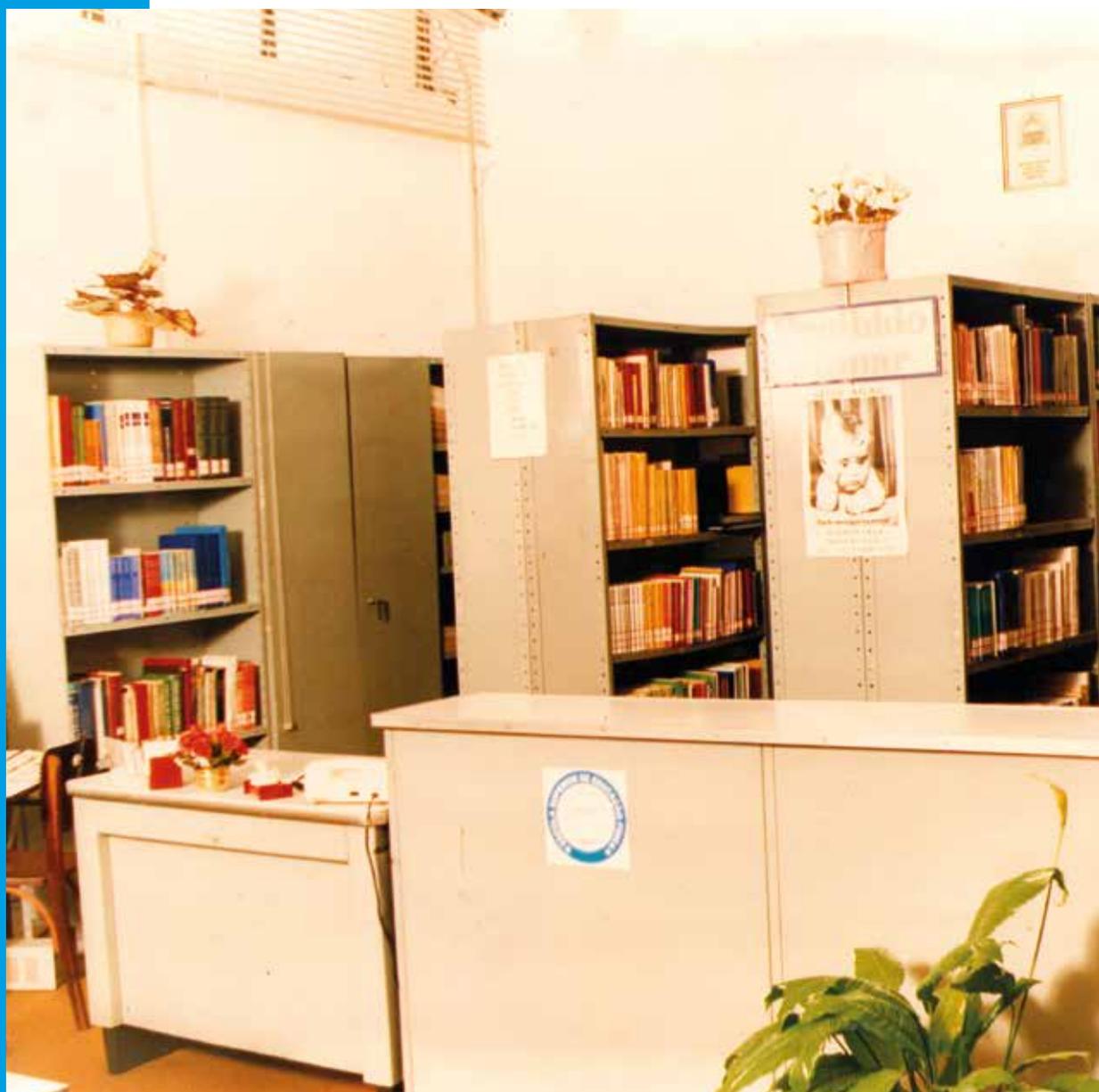
Entre os alunos, alguns já eram amigos, como o meu colega de primário Mário Bampa, João Ernesto Chiorlin, ambos na mesma classe da Escola Paroquial. Do mesmo período, Glória Aparecida Martinelli Fagundes. E outros que fui colecionando no decorrer da vida: Luiz Geraldo Basile Lacerda, Elliot Rehder Bittencourt, Nathanael Silva Júnior, João Francisco Braz, Laura Beatriz Cayubi Bouchino, Márcia Garcia Silva.

O clima entre alunos e professores era muito gostoso. Diferente das Faculdades de Direito. Havia encontros, churrascos, passeios. Companheirismo e convívio que só a atividade física pode propiciar, pois o esporte – muito além da competitividade – estimula a solidariedade. Ninguém chega sozinho ao êxito, pois depende dos demais companheiros de time. Essa é uma lição que se aprende para a vida toda.

Foi um período de que me lembro com saudades e penso que a ESEF deveria, de quando em vez, propiciar reencontros entre os ex-alunos e seus mestres, alguns dos quais, como eu, que muito mais aprenderam com as turmas do que conseguiram transmitir o escasso conhecimento de que era provido.

*São Paulo,
fevereiro de 2012.*

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)



Também embaixo das arquibancadas, a primeira biblioteca foi inaugurada na década de 1970

Entre espinhos e flores

Em sete anos de funcionamento, a ESEF ainda passava por muitos problemas, principalmente no que se referia ao espaço físico para as aulas teóricas. Isso sem contar que a piscina havia sido instalada há pouco tempo. Não se tinha condições de ampliar a biblioteca, faltavam salas de aula. Numa sala com capacidade para 35 alunos, era preciso acomodar 50. Também não havia lugar para guardar materiais como aparelhos de slides e mimiógrafos, usados então. E, local para palestras, nem pensar.

Mesmo com todos os percalços, em 1982, pela primeira vez na história, o número de candidatos foi superior ao de vagas. Para as 120 oferecidas, eram 250 candidatos. A escola definitivamente se consolidava e passava a ter cada vez mais credibilidade.

O ano foi repleto de atividades, a começar pela intensa participação da escola na Semana da Pátria, desfilando e acendendo a fogo simbólico, ao lado de representantes da sociedade, como Exército e Polícia Militar.

Com uma série de palestras, a ESEF realizou, em setembro, a Semana da Educação Física, no antigo Centro das Artes. Em outubro, foi a vez do 1º Festival de Ginástica e Dança da ESEFJ (como era intitulada), com demonstrações de ginástica rítmica e de solo, dança moderna e jazz. Participaram cerca de 350 alunos da faculdade. O objetivo do evento era mostrar as modalidades à comunidade, além de demonstrar o excelente nível técnico da Escola.

Também em 1982, sob coordenação do professor Afonso Machado, acontece o 1º Projeto Voleibol, desenvolvido pelos alunos do 2º ano da Escola, junto às crianças da comunidade. Com o trabalho, foi possível descobrir novos talentos na cidade, além de determinar categorias e nível de participantes, que ultrapassaram 700.

Filas de espera

No ano seguinte, 1983, novamente o número de candidatos supera as vagas, permanecendo alguns em filas de espera. Em março a ESEF tem eleições para o Diretório Acadêmico, com duas chapas concorrendo: ETE - Esporte, Trabalho e Educação e Bem Te Vi, ambas formadas por alunos dos três anos letivos, mas com estudantes do segundo ano em seus cargos principais. Ganhou a Bem Te Vi.

Provando que o tema estava em franco crescimento, acontece, em abril de 1983, o 1º Simpósio de Educação Física de Jundiaí, promovido pela Coordenadoria de Recreação e Esportes do Município - CREM.

Polêmica finalizada

Um fato inusitado marca 1983. Até essa data, apenas professores do sexo masculino podiam lecionar para meninos. Nesse ano, porém, a Secretaria Municipal de Educação começou um movimento com a finalidade de acabar com essa discriminação. Nas escolas particulares, professoras já ministravam aulas para garotos. Houve alguma polêmica em torno do tema, mas o resultado final culminou com a opção de três mulheres por classes masculinas.

Em 1985, José Carlos Bissoli é o diretor da escola. Nesse ano, a aula inaugural contou com todos os professores e como convidado, Milton César Prado da Silveira, doutor em Ciências na área da Educação Física e titular da cadeira de Metodologia da OSEC. Ele proferiu a palestra "Educação Física - Arte e Ciência".

Em agosto do mesmo ano, por sentir necessidade de dar maior ênfase ao aspecto da Educação Física de base, a ESEF promove, entre 26 e 30, um curso de Educação Física Infantil, destinado a alunos e professores. Participaram mais de 500 pessoas.

DEPOIMENTO

Sonia Magali Martelo

De portas sempre abertas

"Entrei na ESEF em 1982 e trabalhei lá durante 30 anos. Como sempre fui atleta, já conhecia a escola e tinha contato com alunos desde a primeira turma. No começo, o foco era mais na área esportiva e a formação de professores. Para entrar, prestei concurso e comecei como auxiliar administrativo. A ESEF sempre me abriu portas. Como tinha parado de estudar, me senti incentivada a retomar. Com apoio dos colegas, me formei em Educação Física na PUC, porque a ESEF só tinha um horário e era aquele em que eu trabalhava. Me lembro que comparava as duas escolas e a ESEF superava a PUC em qualidade.

Quando entrei, a ESEF era restrita ao Bolão e tinha que dividir a área esportiva com a cidade. Mas nem por isso deixou de formar grandes profissionais. Éramos apenas cinco funcionários e havia muito trabalho. Os alunos, nos anos 80, entravam um pouco mais velhos aqui. Mas estavam bem direcionados, gostavam das aulas e estudavam muito. Eram dedicados. Hoje chegam com outra postura, muita informação e menos definições. Mudou-se o perfil."

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)

DEPOIMENTO

Marisia Lebeis

Socorros e urgências

"Dei aula na ESEF durante dois anos e meio, na disciplina de Socorros e Urgências. Fui jogadora de basquete e me formei em Fisioterapia em Piracicaba. Acabei trabalhando como fisioterapeuta da Seleção Brasileira de Basquete, uma experiência que levei para minhas aulas. Foi muito interessante, porque, como atuava na reabilitação esportiva, pude passar um pouco para eles as lesões do esporte, como socorrer um atleta machucado e colocá-lo em quadra novamente, por exemplo.

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)

Sonia Magali Martelo

Grandes diretores

"Por ter ficado trinta anos na faculdade, passei por muitos diretores e cada um teve sua característica. Todos tiveram momentos positivos e foram, cada um à sua maneira, extremamente devotados à escola. O Maffia, com a implantação, o reconhecimento e o contato com os órgãos fiscalizadores. Depois veio o Galego, que construiu a escola fisicamente. E o Fernando, que é um transformador. Trouxe para a escola um excelente nível pedagógico, novos cursos, ideias, extensão. Fez com que a escola fosse mais conhecida na comunidade. A ESEF parece que é um pouco de cada um que passou por lá, coisa de família. Tem muita afetividade entre funcionários, alunos e professores. É pra vida toda."

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)

Mudança profunda no currículo

No final da década de 1980, a ESEF estuda seus currículos para adotar uma reestruturação completa em seu curso. A nova grade, que entraria em vigor nos anos 1990, passaria de três para quatro anos, além da criação das opções de bacharelado ou licenciatura em Educação Física, de acordo com a resolução número 3, de 16 de junho de 1987, que fixou os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nestes cursos.

O movimento era geral em todo o País. Prova disso é que o diretor José Carlos Bissoli participou, em 1987, do Encontro de Diretores de Escolas de Formação de Professores de Educação Física no Brasil. O evento reuniu 94 responsáveis e serviu para estudar as primeiras medidas para a implantação no novo currículo escolar.

Os objetivos da reestruturação eram vários. A começar pela possibilidade de aquisição integrada de conhecimento e técnicas que permitiriam a atuação dos profissionais nos campos de educação escolar, pré-escolar, 1º, 2º e 3º graus e não escolar, como academias, clubes, centros comunitários e esportivos. Pretendia também desenvolver atitudes éticas, reflexivas, críticas, inovadoras e democráticas, aprofundando áreas de conhecimento de interesse e aptidão do aluno, além de estimular o aperfeiçoamento e propiciar a autorrealização do estudante como profissional e ser humano.

O novo currículo seria dividido em duas partes: formação geral, relativa às áreas humanísticas e técnicas e de aprofundamento de conhecimento, visando atender aos interesses dos alunos, de acordo com a peculiaridade de cada região. Isso ficaria a critério de cada instituição de ensino superior.

O curso passaria a ter duração mínima de quatro anos, compreendendo uma carga horária de 2.880 horas-aula. O estágio curricular seria obrigatório nas duas áreas de graduação, com apresentação de uma monografia como trabalho de conclusão de curso. O prazo para a introdução dessa nova estrutura deveria ser efetuado no máximo dentro de dois anos, sendo que em Jundiá só seria implantado, em tese, em 1989.

Com essas resoluções, o aluno poderia escolher entre ser um professor somente de escola ou se preferisse, durante os quatro anos, poderia aperfeiçoar-se numa técnica desportiva, criando condições para o novo profissional ser mais setorizado. Mesmo com todos esses avanços, a ESEF só implantaria o novo currículo para os ingressantes em 1990, contemplando a licenciatura.



Alunas nas arquibancadas do Bolão

Diretor em 1988

Em 1988, a faculdade já tinha formado 12 turmas, colocando 700 profissionais no mercado. Em junho, José Carlos Bissoli entrega o cargo, depois de quatro anos na direção. Nassib Cury é o novo diretor da ESEF.

Nassib havia sido um dos fundadores dos estatutos da escola em 1976 e era professor desde então, lecionando Sociologia e Estudo dos Problemas Brasileiros (EPB). Ele prometia muito trabalho e continuidade nos projetos do antecessor. Na pauta principal, a construção, mais breve possível, do novo prédio. Nassib teve como vice Vicente Genovez, que havia participado da Comissão de Estudos para implantação da faculdade.

Com um novo currículo a partir de 1990, a escola passa a funcionar também de manhã, mas os projetos de construção são interrompidos. Nassib fica no cargo até 1992. Apesar de tentar algumas saídas para uma nova casa para a escola, seu mandato é encerrado embaixo das arquibancadas do Bolão.



Desfile de 7 de Setembro



Atividade da extensão

DEPOIMENTO

Fernando Balbino

Portas abertas à comunidade

“O primeiro grande momento da ESEF foi sua implantação, com um grupo que lutou por esse objetivo. Depois, o segundo grande momento, na minha avaliação, foi a mudança da matriz curricular, ali pelos idos de 1989. A faculdade passava de um curso mais técnico, voltado para o esporte e com um ranço militarista, para uma Educação Física humanizada, dirigida ao ser humano e à qualidade de vida.

Em 1996, participei da eleição para vice-diretor, concorrendo com nove professores, e ganhei. Na época, o prefeito André Benassi queria sangue novo. Fiquei como vice durante oito anos. Nesse tempo, me dediquei também à vida acadêmica, me doutorando. Nesse tempo vivi uma grande experiência ao lado de Galego (José Antonio Galego, diretor na época).

Um fator que aumentou o respeito pela faculdade foi o fato de abrirmos as portas para a comunidade. Deixamos de nos encastelar e levamos o aluno para fora, com inúmeros projetos. Buscávamos uma Educação Física mais pé no chão, sem tantos discursos.

Q u a n d o assumi como diretor, ampliei a possibilidade de projetos e envolvimento com a comunidade. Trabalhei por uma faculdade com ensino, pesquisa e extensão, o que é chamado de tripé do ensino superior.

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)

Produção acadêmica de ponta

Com uma nova proposta curricular a ESEF irrompe a década de 1990 em meio a uma proeminente produção acadêmica da área. Iniciado na década de 1980, o debate acadêmico sobre o conhecimento específico da Educação Física e seu papel na escola se acirrou, e a maior parte das publicações referentes às abordagens pedagógicas da Educação Física escolar, principalmente as fundamentadas nas ciências sociais, ocorreu na década de 1990 (*Abordagem Sistêmica – 1991; Abordagem Crítico-Superadora – 1992; Abordagem Crítico-Emancipatória – 1992; Abordagem Cultural – 1995*).

Por outro lado, esse período foi caracterizado por um crescente aumento do número de cursos de Educação Física no Brasil, principalmente na rede privada de ensino, em função de uma grande demanda por profissionais na área não-escolar, relacionada ao papel do bacharel. Como eram poucos os cursos de bacharelado no país, normalmente oferecidos em instituições públicas, os cursos de licenciatura do ensino privado não apenas se multiplicaram, mas, principalmente, “incharam” seus currículos para atender à demanda do mercado. Nesse sentido houve um retrocesso à lógica da Resolução CFE nº 69/69, que tratava o professor de Educação Física e o Técnico Esportivo numa mesma formação. Portanto, os cursos de Educação Física da década de 1990 foram obrigados a formar, além do Licenciado em Educação Física e do Técnico Esportivo, o Professor de Academia (profissional da atividade física, do fitness), que também exigia um conhecimento bastante especializado.

A crise de identidade parecia não abandonar a Educação Física, e a formação profissional ficou aprisionada pela necessidade de formar um egresso genérico, capaz de atuar em vários segmentos do mercado de trabalho – segmentos esses que se ampliavam e se diversificavam intensamente –, mas sem a especificidade de uma área de atuação profissional, inclusive a educação básica (Educação Física escolar), apesar da outorga do título de Licenciado em Educação Física.

Nesse contexto, apesar da expressiva produção acadêmica na área da Educação Física escolar, havia um grande hiato entre a universidade e a escola, visto que a universidade pública era majoritária na produção do conhecimento e minoritária na formação de professores, enquanto que as instituições privadas, responsáveis pela formação de um maior volume de professores, mantinha um currículo demasiado genérico. E com o crescente aumento da demanda para o mercado não-escolar da Educação Física, assim como das publicações técnicas e científicas nessa área, os cursos de licenciatura em Educação Física perderam tanto a identidade quanto a prerrogativa legal – atuar na educação básica, no ensino de Educação Física na escola –, visto que as disciplinas de cunho mais humanístico e pedagógico deram espaço às disciplinas técnicas, desta vez não voltadas exclusivamente ao esporte, mas para o treinamento resistido, para a ginástica de academia e temas dessa natureza.

A ESEF, portanto, buscava se reinventar na formação de profissionais de Educação Física, promovendo frequentes ajustes no seu currículo, de modo a garantir, minimamente, a formação do professor de Educação Física para intervir na educação escolarizada, mas sem fechar os olhos para as outras áreas de atuação profissional.

Em 1996 foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, em 1998, a Lei 9.696 criou o Conselho Federal de Educação Física, que passou a regulamentar e legitimar o “Profissional de Educação Física”. Apesar de se tratar de uma designação genérica, que diz respeito a todos os graduados, em nível superior, na área de Educação Física, com o passar do tempo acabou servindo de distintivo em relação ao licenciado, isto é, de um lado a licenciatura formaria o “Professor de Educação Física”, de outro, o bacharelado seria responsável por formar o “Profissional de Educação Física”, que ficaria conhecido vulgarmente como “Educador Físico”, alcunha que não aparece em qualquer documento oficial da área, mas que permanece no discurso de senso comum.

Uma nova era para a ESEF

O ano de 1990 começa com cerca de 350 candidatos disputando 120 vagas: sessenta para o período diurno e 60 para o noturno. Desses, 150 foram classificados para a prova prática, que ainda existia.

Também no início da década, havia estudos para a mudança da escola para o prédio da Argos, que estava sendo adaptado para projetos de educação. Porém, concluiu-se, por variados motivos, que a alternativa não era viável e a ESEF volta a estaca zero na sua instalação em um local adequado.

Em meados da década de 1990, durante a diretoria Galego-Balbino, tem início a construção do prédio próprio, onde hoje funciona a faculdade (foto abaixo).



DEPOIMENTO

Nestor Mostério

Uma grande família

“Em 1977, quando decidi cursar Educação Física, as pessoas disseram que eu estava louco, que ia passar fome. Mas isso não me impediu e, em janeiro daquele ano, eu prestava o vestibular da ESEF, fazendo parte da segunda turma. A Faculdade era nova e estava procurando seu reconhecimento no mercado.

A ESEF foi minha grande motivação profissional. Quando me formei, me senti premiado, porque através do aval da própria ESEF, conquistei boas posições profissionais. Em 1985, a convite de Bissoli, prestei concurso público como professor. Entrei e até janeiro deste ano, quando me aposentei, estive ligado à Faculdade. Foram 40 anos de relacionamento, incluindo o tempo de estudante.

Tenho muito orgulho de ter convivido com o grupo de professores, mestres e doutores da ESEF, que colaboraram na formação de grandes profissionais. Posso dizer que a faculdade é uma família, com a junção de professores e funcionários, numa convivência pacífica e de sucesso. Na pandemia, a ESEF conseguiu me surpreender ainda mais, quando, em poucos dias, já tinha uma solução para seu aluno não perder aulas.

Foram 40 anos que me preencheram e que eu agradeço todos os dias.”

(Entrevista realizada em 2022, para o livro de 50 anos)

DEPOIMENTO

Alessandro Tosim

Jogos Paralímpicos

"A ESEF é uma das instituições mais sérias e tradicionais no ensino da Educação Física. Fui estudante entre 1997 e 2000, retornando em 2007 como professor. Agradeço a todos os professores que transmitiram seus conhecimentos com muita maestria, o que me motivou a dar continuidade nos meus estudos.

Na ESEF conheci o Programa de Esportes e Atividades Motoras Adaptadas (PEAMA), onde estou até hoje e formei a primeira equipe de goalball de Jundiá e região.

No ano de 2009 assumi o comando da seleção brasileira de goalball, com o qual conduzi a três medalhas em Jogos Paralímpicos (Prata - Londres 2012, Bronze - Rio 2016 e Ouro Tóquio 2020+1) além de 2 títulos mundiais (Finlândia 2014 e Suécia 2018).

Que a ESEF continue formando profissionais diferentes e de qualidade e este livro de 50 anos represente toda construção do ensino, pesquisa e extensão desta grande instituição.

Vida longa à ESEF!"



Graduado em Educação Física - ESEF
Jundiá

Doutor em Educação Física
FEF - Unicamp

(Entrevista realizada em 2022, para o
livro de 50 anos)



Diretor e vice, José Antonio Galego e Fernando Balbino

Fôlego novo

Em 1997, assume a direção da ESEF a dupla José Antonio Galego (diretor) e Fernando Balbino (vice). Grandes acontecimentos pareciam se projetar no horizonte da Escola. Era chegado um tempo de realizações de projetos.

Visando a formação continuada de profissionais, a ESEF realiza o 1º Encontro Paulista de Educação Física, com a participação de mais de 300 pessoas. Em agosto desse mesmo ano, a faculdade abre as portas para alunos de todo o País, com seu primeiro curso de Extensão Universitária. Os temas iniciais foram "Atividades tecno-pedagógicas", "Práticas inovadoras" e "Educação Física Escolar - uma nova abordagem".

Inaugurando o que seria uma das características mais fortes da dupla Galego-Balbino, a ESEF lança um projeto de natação para crianças, o Nadar, em parceria com a CREM e APAN - Associação de Pais de Amigos da Natação. No início, cerca de 20 crianças participaram.

Nesse mesmo ano, também em parceria com a CREM, a ESEF desenvolve aulas voltadas para deficientes, já que no calendário do terceiro ano da faculdade constava a disciplina Educação Física Especial. As primeiras experiências se baseavam no basquete em cadeira de rodas.

Qualidade de vida

Dois projetos, lançados em 1998 pela ESEF, eram voltados para melhorar a qualidade de vida da comunidade. Ambos eram coordenados por professores da escola. O de Reeducação Alimentar tinha como objetivo mostrar uma alimentação saudável e seria destinado a qualquer um que tivesse interesse, gratuitamente e sob coordenação do professor Luiz Roberto Innocente.

O projeto de “Avaliação Física” na pista de atletismo orientava a prática de esportes. Foram iniciados, também, trabalhos como Educação do Movimento, Cidade Saudável e Contra a LER. Além de contribuir com a comunidade, essas iniciativas aprimoravam a prática dos futuros profissionais. Em dois anos de trabalho, mais de 1.500 pessoas já haviam passado pelos programas da ESEF. Atuavam na coordenação das atividades os professores Renata, Wagner e Vanderlei.

As novas instalações

O dia 5 de junho de 1998 ficará nos anais da faculdade talvez como o mais importante. Nessa data, José Antonio Galego inaugurava quatro novas salas de aula, além de dois sanitários, hall de entrada e secretaria. Duas salas foram construídas com recursos próprios da escola e as demais, com verbas da Prefeitura. Nessa época, a ESEF contava com 400 alunos, nos períodos matutino e noturno.

Nesse mesmo ano, muitos outros eventos enriqueceram o cenário da ESEF, como uma série de cursos voltados ao aprimoramento na área. A Jornada de Educação Física foi um deles, direcionada a professores e profissionais do esportes e segmentos afins. Entre os temas abordados, “A Educação Física e os Materiais Alternativos” e “A Nutrição e Melhores Rendimentos Esportivos”.

A busca pela qualidade total culminou na implantação da ISO 9000. No final de 1998, eram realizadas palestras para professores e funcionários, com o objetivo de melhorar o atendimento prestado interna e externamente.

DEPOIMENTO

Fauouz Taha

Profissionais de ponta

“Sempre fui muito ligado a esportes desde pequeno. Quando chegou a hora de decidir por uma faculdade, foi um movimento natural escolher algo com o que eu me sentia envolvido. O esporte sempre fez parte da minha infância e adolescência, especialmente o futebol.

A escolha pela ESEF se deve ao nome e prestígio que a instituição sempre carregou. Também tive contato com ex-alunos e professores antes de tudo, portanto, a ESEF sempre me pareceu uma faculdade com ótimos profissionais, o que pude conferir na prática: fiz amigos e mantenho relações até hoje com colegas e professores muito queridos, além de qualificados, a quem sou muito grato.

Depois de formado, tive algumas experiências com recreação e também pude me aproximar do poder público enquanto fiz estágio no Parque da Cidade e no Complexo Esportivo Ovídeo Bueno. Ao fim, foi o esporte que me levou à política e hoje tento aliar as duas

coisas, levantando a bandeira do esporte como uma ferramenta de políticas públicas e transformação social. Agradeço muito aos colegas, professores e equipe da ESEF por tudo o que aprendi e parabéns a esses 50 anos de referência na nossa Região.”

(Entrevista realizada em 2022, para o livro de 50 anos)



O diretor José Antonio Galego inaugura o primeiro prédio da ESEF, em 1998

DEPOIMENTO

Teresa Leitão

Criação do PEAMA

"Depois de formada, fiquei trabalhando na Prefeitura, dando aulas de tênis. Acabei me envolvendo com o esporte adaptado para deficientes físicos. Participei da criação do PEAMA e comecei a me especializar na área. Em 1998 prestei um concurso aqui na ESEF para a disciplina de tênis. Nessa época estava terminando o mestrado. A experiência foi muito enriquecedora, porque consegui desmistificar muita coisa. A modalidade era tida como elitista, difícil de ser aplicada, com poucos locais de prática. As pessoas acreditavam que para jogar tênis, era preciso ter condições diferenciadas. Isso foi mudando com a minha disciplina. Vários alunos vieram trabalhar comigo depois disso, como monitores e hoje, muitos são professores de tênis e abriram academia. Dos profissionais que atuam no tênis na cidade, 90% saíram da ESEF. A visão mudou, o material já não é tão caro. E dá pra jogar em qualquer lugar: num hotel, na praia, no navio, no parque e na rua.

(Entrevista realizada em 2012, para o livro de 40 anos)

A primeira pós-graduação

A ESEF encerrou o ano de 1998 com chave de ouro, anunciando sua primeira pós-graduação, desenvolvida pela equipe de professores da faculdade. O curso era na área de Motricidade Humana, com 360 horas de duração. Além disso, a escola conseguiu liberar mais 40 vagas para o próximo período letivo, ampliando o número de alunos de 120 para 160, 80 pela manhã e 80 à noite.

A Escola Superior de Educação Física mudou totalmente seu perfil com a diretoria Galego-Balbino. De acordo com depoimentos de José Antonio Galego, o principal aspecto dessa mudança se caracterizava pela introdução do trabalho junto à comunidade. "Além de prestar serviço à população de Jundiá, a faculdade colocava seus alunos em contato com a prática profissional através dos projetos", declarou.

A Escola encerra a década anunciando, ainda, mais cursos de pós-graduação: Educação Física Escolar, Natação e Voleibol, além da Faculdade da Terceira Idade, um programa de extensão universitária para pessoas com mais de 40 anos. É importante frisar que o corpo docente da ESEF na quase totalidade era formado por mestres e doutores. Para comemorar todos esses feitos, a faculdade lança seu 1º Congresso de Educação Física, de caráter científico.



Os funcionários trabalham confortavelmente no novo prédio administrativo

Grande reforma da educação nacional

Comparada à década anterior, a década de 2000 presenciou uma certa apatia acadêmica no que diz respeito à Educação Física escolar, enquanto que em outras áreas, principalmente relacionadas às ciências biológicas e à saúde, a produção foi bastante expressiva. O marasmo da Educação Física escolar foi reflexo da própria educação brasileira como um todo, pois, passado o período efetivamente crítico da década de 1980 e início da década de 1990, a impressão é de que as políticas públicas neoliberais e as propostas pedagógicas baseadas na “pedagogia do consenso” e nas pedagogias do “aprender a aprender” acabaram por amainar o poder da crítica.

Em meio a essa conjuntura as políticas públicas anunciavam uma grande reforma na educação básica e no ensino superior, fruto das exigências da LDBEN de 1996. Por outro lado, os currículos dos cursos de Educação Física e, principalmente, a intervenção pedagógica em Educação Física escolar não foram imediatamente impactadas pelas prometidas mudanças.

No ano de 1997, com base no Parecer CNE 776/97 foi nomeada uma Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física (COESP/EF) que deveria, entre outras coisas, discutir e elaborar novas diretrizes para a área, em substituição à Resolução CFE 03/87. A proposta de novas diretrizes foi concluída em 1999, mas apesar de expressar mudanças necessárias e urgentes, abalizadas nas discussões mais recentes na área, ficou aguardando a aprovação do Conselho Nacional de Educação, fato que nunca aconteceu. Nesse interim e à revelia da Educação Física, discutia-se a construção de novas diretrizes para os cursos de licenciatura, em geral.

O Parecer CNE-CP 009/2001, que versava sobre a formação de professores para atuar na Educação Básica, a partir de cursos de licenciatura, em nível superior, acabou fundamentando outros documentos, culminando na Resolução CNE-CP 001, de 18 de fevereiro de 2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Esse documento mobilizou os cursos superiores de Educação Física a reverem seus currículos e fazerem as devidas alterações até o ano de 2004.

Da mesma forma como contemplava a Resolução CFE 03/87, as novas diretrizes ratificaram a cisão entre licenciatura e bacharelado, no entanto, agora de forma mais clara e efetiva. A Resolução CNE-CP 001/2002 é comum a todos os cursos de licenciatura, ou seja, caracteriza, orienta e institui o que deve ser feito na formação de professores, independente da sua especificidade. Essa proposta, em tese, aproximaria a Educação Física da escola e reestabeleceria a identidade própria do licenciado, assim como o perfil do egresso que atuaria naquele componente curricular. Contudo, não estava claro o que diferenciaria a formação do licenciado em relação ao bacharel, uma vez que não havia novas diretrizes para o curso de bacharelado, e a proposta contida no documento da COESP/EF não estava em vigor. Por conta disso, muitas instituições atrasaram ao máximo as suas mudanças curriculares, na esperança de que as diretrizes do curso de bacharelado em Educação Física fossem aprovadas.

Somente no ano de 2004 a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educa-

DEPOIMENTO

Luis Claudio Tarallo

Competência e acolhimento

"A primeira e única profissão que sempre sonhei para mim foi a Educação Física e a ESEF sempre foi a opção desejada para cursar, pois sempre confiei muito na formação da equipe diretiva, acolhimento dos funcionários e principalmente da capacidade dos professores que são profissionais inspiradores e apaixonados pela arte de ensinar e motivar à prática de atividades físicas.

Esses ensinamentos foram sempre o alicerce da minha atuação como educador físico, professor escolar, técnico profissional de basquete e atualmente como Gestor de Esporte do Município de Jundiá.

Aproveito para parabenizar a ESEF e todos os profissionais que passaram pela instituição e os que estão presentes atualmente e também agradecer por todo ensinamento de vida que a renomada faculdade me proporcionou."

(Entrevista realizada em 2022, para o livro de 50 anos)

ção Física, em nível superior de graduação plena, por meio da Resolução CNE-CP 07/2004. Não havia mais como voltar, pois, instituía-se a separação definitiva entre licenciatura e bacharelado na área da Educação Física, que deveria atender às diferentes diretrizes e formar profissionais a partir de dois cursos distintos, apesar da existência de muita coisa em comum nos dois cursos (habilitações) de Educação Física.

A ESEF, pelo fato de estar vinculada ao Conselho Estadual de Educação, conseguiu postergar um pouco mais as mudanças curriculares, mas no ano de 2007 coexistiram na instituição três currículos distintos: a antiga licenciatura, baseada na Resolução CFE 03/87; a nova licenciatura, em atendimento às novas diretrizes estabelecidas pela Resolução CNE-CP 001/2002; o recém criado curso de bacharelado, com base na Resolução CNE-CP 07/2004.

O século XXI teve início com uma grande expectativa em relação às mudanças na área da educação, principalmente pelo fato de reformas serem anunciadas aos quatro ventos. Por outro lado, o discurso de mudança se afunda num mar de incertezas, arrefecendo o processo e frustrando as expectativas. Ao mesmo tempo em que se buscava reestruturar os cursos para o atendimento da nova legislação, ouvia-se rumores sobre a sua breve revogação. Nesse cenário a ESEF instituiu um curso de bacharelado em Educação Física com a carga horária estabelecida pelas novas diretrizes curriculares, mas com tempo de integralização de apenas seis semestre (três anos), sendo obrigada a proceder adaptações quando foram estabelecidas novas exigências em relação ao tempo de integralização dos cursos de bacharelado.



Acendimento do fogo simbólico da Semana da Pátria: tradição na faculdade

A inauguração do bloco administrativo

A Escola Superior de Educação Física abriu o segundo milênio em grande estilo: a inauguração do bloco administrativo, com secretaria, sala de estudos, biblioteca, anfiteatro, departamento jurídico, sala de pós-graduação, laboratório de avaliação humana, sanitários, entre outras acomodações. O novo espaço compreendia, em único local, tudo que a ESEF sempre ansiara. A instituição contava, então, com 460 alunos, sendo 60 da pós-graduação.

E os projetos não paravam. Em 2001, a ESEF firmou parceria com o FUNSS para beneficiar 500 crianças carentes com aulas de natação, artes marciais, atletismo e Educação Física Infantil. A comunidade contava ainda com a Faculdade da Melhor Idade, Projeto LER e atividades para alunos especiais. Em quatro anos da administração de José Antônio Galego, 500 alunos da graduação e 100 da pós-graduação desenvolveram 15 projetos de extensão, além de criar três grupos de estudos na área de pesquisa.

Numa parceria com a Prefeitura, a ESEF entrega para Jundiá mais uma piscina, que ampliaria a oferta de projetos voltados à comunidade e qualidade de vida.



Os primeiros 30 anos da ESEF

Com 1650 alunos formados em seus bancos, a ESEF, em 2002, celebrava 30 anos de funcionamento. Para comemorar, anunciou a construção de um complexo esportivo adaptado a deficientes físicos. Declarou também, nessa época, que utilizaria os resultados do ENEM na aprovação e ingresso dos novos estudantes.

Em 2004, pela primeira vez, a escola realizou uma aula inaugural unindo seus alunos na Sala Glória Rocha. O evento contou com a presença dos professores Jocimar Daólio e Adriano Rogério Celante, de grande destaque na área, respeitados internacionalmente.

Ainda neste ano, a escola, já na quarta edição dos cursos de pós-graduação, recebeu grandes nomes do tênis, como Gláucia Langela e Vanessa Menga, para falar sobre a “Evolução do Tênis nos últimos 10 anos”.

Mas, com certeza, o grande acontecimento do ano se deu no dia 7 de agosto, quando a Escola inaugurou o Centro de Atividades Pedagógicas e Motricidade Humana, com 2.500 metros quadrados. O espaço seria destinado ao desenvolvimento de projetos voltados às crianças carentes, portadores de deficiência física e terceira idade. Ganhou também salas de aula, pós-graduação, atendimento médico, artes marciais, laboratório de Biomecânica, sanitários, vestiários, almoxarifado, depósitos e arquivos. O Centro foi construído ao lado da antiga piscina, que passou por reformas e recebeu aquecimento.



Professores, alunos e funcionários reunidos para as comemorações dos 30 anos. José Antonio Galego, ao microfone, era o diretor



Mudança na direção

Em 2005, José Antonio Galego passa a direção da ESEF para Fernando Balbino, com Teresa Leitão como vice-diretora. Em maio, na avaliação do ENADE, a ESEF classifica-se em 2o lugar entre as escolas públicas do Brasil, sendo galgada a uma posição merecida, refletindo um trabalho de qualidade, dedicação e profissionalismo.

Os projetos não pararam de surgir. Em julho de 2005, Prefeitura e ESEF firmam parceria para que os alunos pudessem cumprir seu período de estágio dentro de centros esportivos, com atividades ministradas por profissionais renomados no Esporte. Os 30 estudantes liberados ganhariam, ainda, um salário mínimo de ajuda.

Para avaliar projetos pedagógicos envolvendo a saúde, a ESEF cria o Comitê de Ética, requerido junto ao Ministério da Saúde, em Brasília e aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde. O grupo multidisciplinar seria responsável pelo desenvolvimento de trabalhos em relação aos direitos humanos e bioética.

A reforma do Ensino Superior continua

Nos primeiros anos da década de 2010 a ESEF conseguiu consolidar seus dois currículos de graduação – licenciatura (2012) e bacharelado (2013) – atendendo à legislação vigente, assim como às exigências do Conselho Estadual de Educação. Os currículos distintos da instituição tentavam superar as lacunas existentes entre as diretrizes curriculares das licenciaturas em geral e as do bacharelado em Educação Física. Tais lacunas geraram interpretações equivocadas que, por um lado os currículos não distinguiam as duas formações e, por outro, distinguiam tanto ao ponto de parecer se tratar de formações em áreas totalmente diferentes. Enquanto isso, no mundo acadêmico da educação física eram discutidas tanto a possibilidade de retorno à formação única – para a atuação profissional em todos os âmbitos da educação física –, quanto a necessidade de um núcleo comum, constituído por conhecimentos inerentes à Educação Física, portanto, necessários à formação profissional do licenciado e do bacharel.

Sem qualquer aviso prévio, em julho de 2015 são publicadas as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, definidas pela Resolução CNE-CP 02/2015. Assim sendo, todos os cursos de licenciatura do Brasil – inclusive os de Educação Física – precisavam ser reestruturados. Todavia, as novas diretrizes exigiam novos cursos, a partir de novos fundamentos, impossibilitando qualquer tipo de adaptação ou adequação.

Como qualquer marco legal, as referidas diretrizes resultam de disputas no campo das concepções político-filosóficas e das políticas públicas em educação. Carregam, em si, concepções e intencionalidades particulares que precisam ser compreendidas no âmbito da reestruturação curricular por parte das instituições, visto que compete a elas definir, nos seus projetos pedagógicos, as formas de desenvolvimento da formação inicial de profissionais do magistério – no caso da ESEF, licenciados em Educação Física – em consonância à Resolução CNE-CP 02/2015.

Em linhas gerais, o novo curso de licenciatura em Educação Física da ESEF precisaria dar conta da formação inicial do profissional do magistério para atuação na educação básica, portanto, integrado à realidade da escola antes mesmo das especificidades da Educação Física. Em outros termos, trata-se da formação do professor em primeiro lugar, com todas os conhecimentos pedagógicos relativos à docência na educação formal para, num segundo plano, a intervenção pedagógica específica no componente curricular denominado Educação Física. Isso não significa negligenciar ou secundarizar o conhecimento particular da área, mas priorizar a formação de professores antes e para além das suas especificidades. Afinal, professores de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Educação Física têm em comum o fato de serem professores da educação básica, independente das suas especialidades.

A formação inicial dos profissionais do magistério para a educação básica instituída pelas novas DCNs exigiram um projeto com a identidade própria da licenciatura, mas articulado com os cursos de bacharelado ou tecnológico, quando for o caso. Todavia, tal articulação seria responsabilidade das instituições de ensino superior, a partir das diretrizes próprias dos cursos de cada área, um desafio bastante grande a ser concluído em dois anos a partir da publicação das DCNs.

A ESEF instituiu, imediatamente, uma comissão de reestruturação curricular para concluir os projetos dos novos cursos até meados de 2017, para início no ano letivo de 2018. Os primeiros passos da comissão se concentraram em compreender o espírito da Resolução CNE-CP 02/2015, principalmente a partir do parecer que a subsidiou, para, em seguida, pensar um novo curso de licenciatura que pudesse se articular com um novo curso de bacharelado, uma vez que o bacharelado em vigência havia sido pensado e instituído com base em diretrizes próprias e específicas, fato que impossibilitaria qualquer tipo de adaptação ou adequação no sentido de articulá-lo com a nova proposta de licenciatura a ser construída.



Corpo Docente - Dezembro de 2012

No ano de 2017, após muita discussão nos trabalhos da comissão e nas reuniões com todos os professores, a ESEF concluiu os projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física, que substituiriam os currículos anteriores a partir do processo seletivo (vestibular) para o ingresso em 2018. Os novos cursos tinham uma estrutura comum (Núcleo Básico Comum) nos quatro primeiros semestres, nos quais os alunos passariam pelos componentes curriculares de formação comum aos licenciados e bacharéis. A partir da segunda metade de cada curso os alunos seriam submetidos aos componentes curriculares específicos – do bacharelado ou da licenciatura – conforme suas opções no ato da matrícula. Essa estrutura curricular permitiria aos egressos de qualquer um dos cursos retornar à ESEF para uma segunda formação, que duraria apenas quatro semestres, ou seja, o tempo necessário para cursar os componentes curriculares da segunda formação, uma vez que os quatro primeiros semestres eram comuns.

No ano de 2021 a ESEF pode colar grau da primeira turma formada no mais recente currículo – iniciado em 2018 – de uma instituição que acumula meio século de existência.



Inauguração das arquibancadas da Piscina do Bolão

ESEF EM AÇÃO



Morumbi - SPFC



Tchoukball



Calouros



Bolicho



Escalada



Projeto Corujinha de Golf



Festival Cultural de Ginástica e Dança da ESEF



Golf



Paulo, Mariza e Poit durante os Jogos Infantis do Estado de São Paulo



Surf



Bloco C



Recebendo Prof. Jocimar Daolio



Atividades lúdicas



Atividades circenses



Professores na quadra



Desfile de 7 de Setembro



Desfile de 7 de Setembro



Desfile de 7 de Setembro



Desfile de 7 de Setembro



Festa de fim de ano



Colação de Grau durante a pandemia



Alunos da ESEF durante a Colação de Grau

Evento concorrido e aguardado



O Congresso de Educação Física de Jundiaí ocorre anualmente de maneira ininterrupta desde 2006. Foi uma proposta do então coordenador de eventos da ESEF, Prof. Davi Rodrigues Poit, e visava atender aos alunos, profissionais da área de saúde de Jundiaí e, por extensão, todo Estado de São Paulo e Brasil.

Com o passar dos anos, o Congresso se tornou um evento concorrido e um aguardado espaço acadêmico para divulgação da produção científica e cultural desenvolvida pela comunidade universitária nas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

O evento estimula a discussão de trabalhos científicos na área da Educação Física e afins ao criar espaços para a reflexão, incentivo e difusão dos trabalhos científicos publicados em seus anais.

Todo mês de novembro, desde 2006, o Congresso reúne professores, pesquisadores e profissionais de renome da Educação Física do Brasil e do mundo para conferências, debates, cursos e oficinas voltadas a Educadores Físicos, estudantes e interessados.



Beto, Milton Leite, Poit e Balbino



Prof. Go Tani



Equipe organizadora



Bettina, Nestor, Paula (do Basquete), Poit



Prefeito Luiz Fernando, Wilson Poit (palestrante) e Davi Poit

Desafios e sucesso

O ESEF Hawks é o time de Cheerleading da ESEF Jundiaí, criado em abril de 2018. Já na estreia em campeonatos, se destacou no cenário da modalidade conquistando o título de equipe campeã "Universitários" no Cheerfest Paulista (categoria Coed 2) realizado em setembro de 2018, em Jundiaí. O Cheer ESEF, como é carinhosamente chamado, veio para ficar. Seus integrantes se renovam a cada ano e o time já conquistou vários outros prêmios em diversas oportunidades. É mais uma história de sucesso que orgulha toda família ESEF.



Camila no desfile 7 de Setembro





Parte da quipe Cheer ESEF



Capitã Bea durante Vestibular ESEF



No desfile de 7 de setembro



Líderes Cheer no Congresso ESEF

DIRETOR	PERÍODO
Profa. Silvia Tayar	1973 a 1976
Prof. Hélio José Maffia	1976 a 1980
Prof. Hélio José Maffia	1980 a 1984
Prof. José Carlos Bissoli	1984 a 1988
Prof. Nassib Cury	1988 a 1990
Prof. Vicente Genovez	1990
Prof. Jurandir lenne	1990 a 1992
Prof. Hélio José Maffia	1992 a 1996
Prof. José Antonio Galego	1996 a 2001
Prof. José Antonio Galego	2001 a 2004
Prof. Fernando Balbino	2005 a 2009
Prof. Fernando Balbino	2009 a 2013
Prof. Pedro Rocha Lemos	2013 a 2017
Prof. Davi Rodrigues Poit	2017 a 2021
Prof. Davi Rodrigues Poit	2021 a atual

VICE-DIRETOR	PERÍODO
Prof. Hélio José Maffia	1974 a 1976
Prof. Brasil Campos Júnior	1976 a 1979
Prof. Afonso Antonio Machado	1979 a 1980
Prof. Afonso Antonio Machado	1980 a 1984
Prof. Jurandir lenne	1984 a 1988
Prof. Vicente Genovez	1988 a 1990
Prof. Vicente Genovez	1990 a 1992
Profa. Elenir Vasconcellos	1992 a 1996
Prof. Fernando Balbino	1996 a 2001
Prof. Fernando Balbino	2001 a 2004
Profa. Maria Teresa Krahenbuhl Leitão	2005 a 2009
Prof. Davi Rodrigues Poit	2009 a 2013
Prof. Adriano Rogério Celante	2013 a 2015
Profa. Bettina Ried	2017 a 2021
Prof. Adriano Rogério Celante	2021 a atual



CORPO DOCENTE 2022



Prof. Adriano Celante



Prof. Adriano Mastrorosa



Prof. Daniel Bavoso



Prof. Daniel Presoto



Prof. Davi Poit



Prof. Fernando Balbino



Profa. Graciele Rodrigues



Profa. Juliana Scarazzatto



Prof. Marcelo Conte



Prof. Olival do Lago



Prof. Sidimar Lucato



Profa. Teresa Leitão



Prof. Vanderlei Seregati



Prof. Wagner Silva



Na parte mais alta da foto, da esquerda para a direita, Maria Zenilda, Isaac Buhnemann, Itamar Vital, Henrique Bocanera, Luís Felipe, Julio Silva, Marco Cieni, Irmo de Paula, Luiz Romani, Guilherme Vasconcelos, Maurício Martinho e Ricardo Manacero;

Na parte central, da esquerda para a direita, Marcelo Conte, Daniel Bavoso, Adriano Mastroso, Rose Mary Rufino, Cristina Pansarim, Olival Lago, Bárbara Bagnarol, Gracielle Moura, Maísa Bonamigo, Letícia Vicentino, Thiago Lourenço, Gianluca Folgosi, Henrique da Silva, Sidimar Lucato e Wagner Silva;

Sentados, na parte inferior, da esquerda para a direita, Maria Maia, Teresa Leitão, Eva Costa, Graciele Rodrigues, Adriano Celante, Davi Poit, Luciana Baldo, Renilda Ribeiro, Valma Oliveira, Daniela Bodo e Michelle Gaiotto.

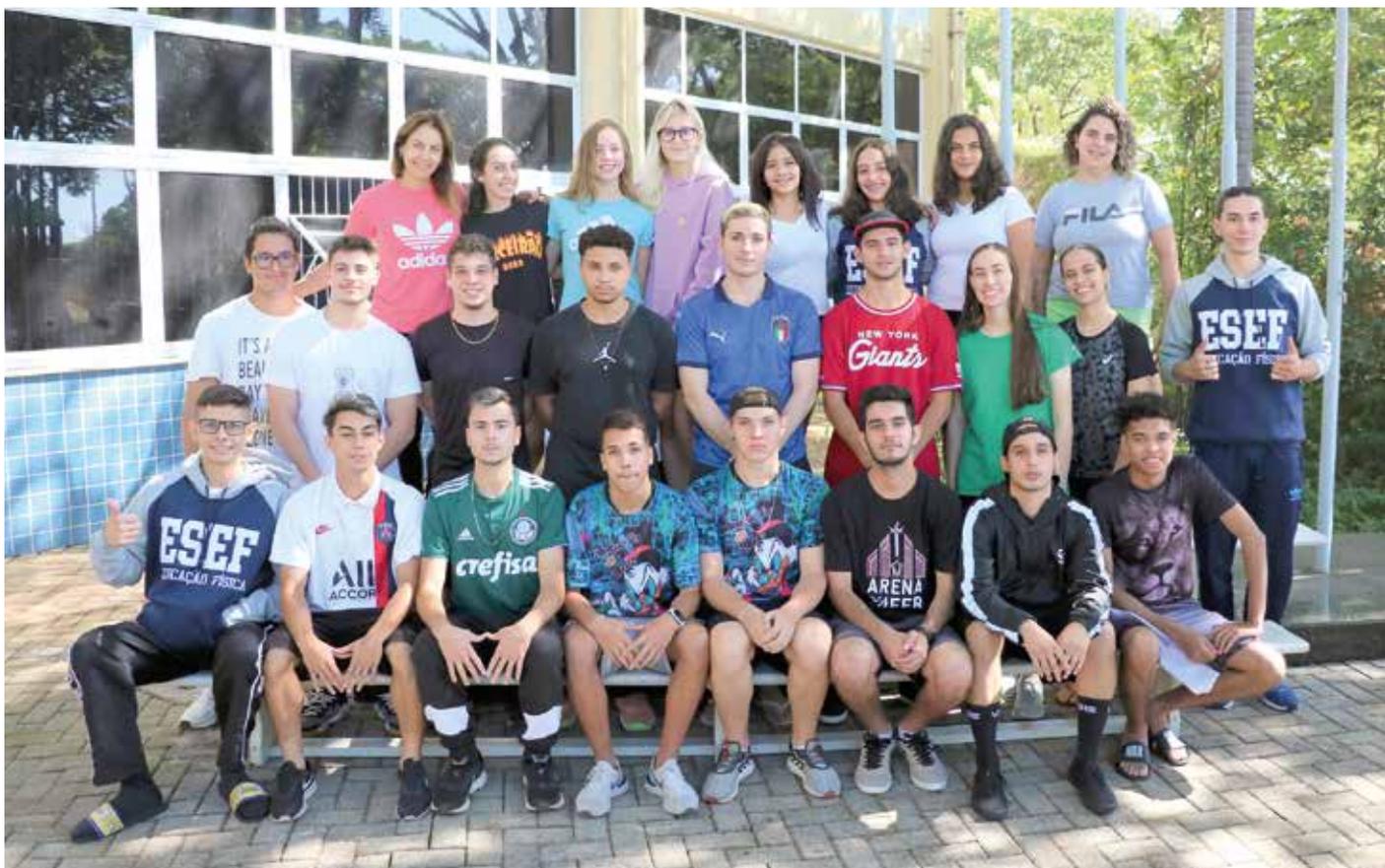
EQUIPE ESEF



1º Semestre A (matutino)



1º Semestre B (noturno)



3º Semestre A (matutino)



3º Semestre B (noturno)



5º Semestre A (matutino)



5º Semestre B (noturno)



7º Semestre A (matutino)



7º Semestre B (noturno)



Grandes experiências

Minha história com a ESEF começa quando, no final da minha adolescência, resolvi estudar Educação Física. Ao pesquisar sobre as opções, descobri a ESEF de Jundiá.

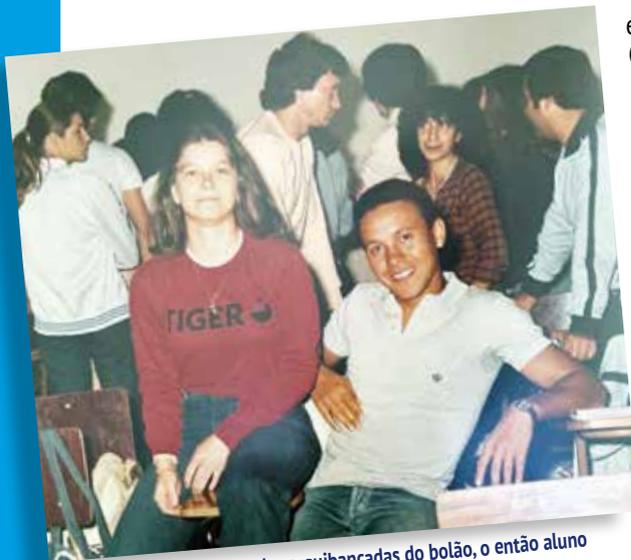
Meu primeiro contato foi no início da década de 80. Na época a ESEF não tinha nem 10 anos de vida.

Depois da matrícula feita, nunca mais me distanciei da ESEF. Primeiro como aluno, em seguida cursando uma Especialização em Vôlei, ato contínuo, formalizando parcerias com o 12º GAC (eu era 1º Tenente do Exército). E, em 1988, iniciei minha carreira como professor universitário da ESEF. Ao longa desta jornada, fui coordenador de Eventos, coordenador da Pós-graduação em Administração e Marketing Esportivo e, ainda, vice-diretor de 2009 a 2013. Fui nomeado diretor em 2017.

Em 2006 pude apresentar um Projeto de Congresso, que teve todo apoio do Prof. Balbino, diretor naquela época, e de uma equipe sensacional. Hoje estamos na 17ª edição deste importante evento.

Nos orgulhamos das milhares de pessoas que passaram por nossos bancos escolares e tiveram sua vida modificada direta ou indiretamente pela ESEF. Outro motivo de regozijo é poder agradecer as centenas de professores e servidores que nos antecederam e ajudaram a construir uma ESEF sólida, querida e socialmente responsável.

Continuamos trabalhando para proporcionar aos nossos alunos as melhores aulas e as mais incríveis experiências em sua formação. Atualmente o maior desafio, para os dirigentes, é a adequação da instituição aos novos rumos do Ensino Superior no Brasil, que vem sendo seriamente impactado ano após ano, tais como: problemas econômicos, falta de políticas educacionais consistentes no âmbito federal, falta de apoio para as licenciaturas, extinção do FIES, entre outros e ainda dois anos de pandemia, que trouxeram inúmeras dificuldades para as Instituições de Ensino Superior. Estamos nos reestruturando e superando os problemas trazidos com a doença e, desta maneira, mantendo a ESEF viva e prestativa por meio de uma equipe fora de série, assim, continuamos escrevendo lindos capítulos nesta incrível história.



Sala de aula, debaixo das arquibancadas do bolão, o então aluno Davi Poit ao lado de sua amiga de classe Neli Mian

Prof. Davi Rodrigues Poit
Diretor da ESEF

ESEF, 50 anos de sucesso. A população participando na extensão

Como posto nos documentos institucionais a Extensão Acadêmica é o canal de comunicação entre o ensino superior e a sociedade. O foco, quase sempre, é o compartilhamento com o público externo do conhecimento adquirido por meio do ensino e das pesquisas realizados na instituição. Nesse sentido, é a forma que a ESEF se insere na comunidade, interagindo e transformando a realidade social no seu entorno.

Ao longo dos seus 50 anos a ESEF sempre proporcionou um efetivo engajamento dos seus alunos com a realidade profissional, sobretudo quando observamos as atividades realizadas pela instituição na Extensão.

Quem não se lembra dos projetos realizados na década de 1980, nos quais os alunos organizaram grupos de pessoas em todos os espaços públicos disponíveis na época para ensinarem a prática de uma modalidade esportiva: voleibol, handebol, basquete, ginástica, etc.. Foi uma época de muita aprendizagem, quando os alunos mais experientes compartilhavam seus saberes com os mais novos, dando continuidade ao programa.

Como não recordar dos alunos participando das manhãs de recreio realizada em parceria com o poder público nos mais diferentes bairros de Jundiá, levando alegria e diversão para a crianças e adultos nas manhãs de domingo.

Com essas iniciativas, entre tantas outras, percebemos o quanto a ESEF esteve à frente do seu tempo, com projetos eficientes e sistematizados, não encontrados nem mesmo nas maiores Universidades Brasileiras.

A vocação extensionista da ESEF foi consolidada quando, em 2005, foi criada a Coordenação de Extensão com o objetivo de concentrar e organizar os projetos. Essa iniciativa possibilitou a criação de novos projetos com uso dos espaços internos da ESEF, fortalecendo a interação entre os alunos e a comunidade.

Nesta nova fase, em 2006 tivemos a primeira experiência com projetos desenvolvidos na piscina. Em parceria com o Fundo Social da Prefeitura de Jundiá, começamos o programa de Hidroginástica voltada para a 3ª Idade. Inicialmente foram atendidos apenas 40 participantes e duas alunas da ESEF realizando seu estágio com o grupo. Aproveitando o sucesso, iniciou-se o projeto “Aprenda Nadando” que no primeiro momento teve 60 crianças participando, sendo metade delas crianças carentes atendidas pela Pastoral do Menor.

Mais uma vez a Extensão da ESEF mostrou seu caráter inovador ao atender preferencialmente grupos de Crianças e Idosos que até então não eram prioridades para a maioria dos programas de Atividade Física. Para focar de maneira mais assertiva nesse público, foi instituída a idade mínima de 50 anos para ingressar no programa de Hidroginástica, e com essa iniciativa conseguimos atender um público diferenciado e abrir uma excelente oportunidade de trabalho para os nossos alunos.

As iniciativas foram crescendo e alcançando sucesso com o público, e a abertura de novos programas de extensão, entre eles podemos destacar: Dança Esportiva, Treinamento Funcional, Ballet, Treinamento Resistido, Ritmos, Avaliação Física, entre outros. Os alunos também tiveram a oportunidade de criarem seus próprios projetos e oferecê-los para a comunidade acadêmica, funcionários e comunidade em geral, neste sentido tivemos os projetos de: Circo, Tecido Acrobático, Samba, Pilates, variadas modalidades de Luta, entre outros. Também foram organizadas palestras e eventos como a Copa ESEF de Dança, que atualmente faz parte do calendário da ESEF.

Sem sombra de dúvida o sucesso em todos os projetos da Extensão ESEF foi possível graças ao engajamento dos alunos. Como tem que ser nos projetos de Extensão, os alunos tiveram um papel fundamental, pois sem a participação dos discentes não seria possível atingir o sucesso e reconhecimento que temos hoje.

Não podemos deixar de mencionar que os professores da ESEF também tiveram participação fundamental durante toda a nossa longa jornada, muitos deles colaborando com novas ideias e projetos, bem como, resolvendo as dúvidas dos alunos extensionistas.

Nos momentos críticos, sim tivemos muitos ao longo dos nossos 50 anos, sendo o mais recente a pandemia COVID-19, a Extensão teve, como toda a ESEF, se reinventar. Preservamos as bolsas dos alunos e com isso foi possível desenvolver novas habilidades, como a produção de vídeo para dar suporte e estímulo para os usuários da extensão que estavam confinados em suas casas, também foi possível implantar com sucesso aulas com exercícios e monitoramento online.

Com o passar dos anos, podemos afirmar que os 50 anos da ESEF foram profícuos, ensinamos muito, mas sobretudo aprendemos mais ainda.

Prof. Dr. Olival Cardoso do Lago
Coordenador da Extensão-ESEF

Escola Superior de Educação Física de Jundiaí – 50 Anos

A pesquisa e a iniciação científica

A Escola Superior de Educação Física de Jundiaí (ESEF) reconhecida há cinquenta anos, pela qualidade no Ensino Superior, tem se dedicado nas últimas duas décadas na consolidação do Projeto Pedagógico e consequentemente da Política de Pesquisa Institucional.

Especialmente em relação à Iniciação Científica, em 2010 implantamos o Programa de Iniciação Científica Institucional com financiamento próprio de bolsas de Iniciação Científica, além das cotas de bolsas de pesquisa recebidas através do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq. Desde o início do nosso Programa de Iniciação Científica os alunos da ESEF foram contemplados com mais de uma centena de bolsas de pesquisa!

Além disso, em 2011 a ESEF recebeu duas cotas para o Programa Ciência sem Fronteiras do Governo Federal que financiou um ano de estudo para os nossos alunos Gabriela Rodrigues Alves e Vandeson da Silva Ferreira no exterior, respectivamente, Austrália (Deakin University) e Portugal (Universidade de Coimbra). Em decorrência do Programa Ciência sem Fronteiras o nosso aluno Vandeson da Silva Ferreira prosseguiu a sua carreira acadêmica cursando Mestrado e Doutorado na Universidade de Coimbra.

Sem dúvida, o sucesso do Programa de Iniciação Científica é decorrência das atividades de pesquisa desenvolvidas na Instituição ao longo da sua história, mesmo que de forma espontânea ou isolada. Pontualmente, no ano de 2005 houve um movimento para formalizar a pesquisa na ESEF. Entre as várias ações que foram empreendidas, a partir daquele ano, podemos destacar: a definição das Linhas de Pesquisa Institucional, a estruturação e sistematização dos Grupos de Estudo e Pesquisa da ESEF, implantação de bolsas de pesquisa financiadas pela própria ESEF, o credenciamento junto ao CNPq, a criação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-ESEF), o auxílio oficial para publicação de artigos e apresentação de trabalhos, a realização do Congresso de Educação Física, a criação do periódico Pulsar, o estabelecimento de parcerias com Universidades e Grupos de Pesquisa de outras Instituições.

Realizamos na ESEF, por muitos anos, a disciplina Morfofisiologia Ocular e Esforço Físico em parceria com o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - Departamento de Oftalmologia, com créditos convalidados para o respectivo Programa de Mestrado. Por outro lado, várias edições do Fórum de Iniciação Científica PIBIC foram realizadas em parceria com Faculdade de Medicina de Jundiaí – FMJ. A parceria com outras Instituições fortaleceu o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos gerados pelo PIBIC. Conseguimos, através destas ações, estimular o desenvolvimento de habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica em nossos estudantes. Vários bolsistas de iniciação científica participaram efetivamente dos laboratórios e grupos de pesquisa da FMJ e UNIFESP, desenvolvendo diversos trabalhos em parceria que resultaram em dezenas de publicações em periódicos e outra centena de apresentações em eventos científicos, assim como o ingresso de mais de vinte alunos da ESEF que foram nossos bolsistas de Iniciação Científica nos Programas de Mestrado em Ciências da Saúde da FMJ, bem como nos Programas de Mestrado da UNIFESP: Mestrado Acadêmico em Ciências Visuais e Mestrado Profissional em Tecnologia, Gestão e Saúde Ocular.

Nesse momento de comemoração do nosso cinquentenário, temos a convicção que a ESEF, ao longo da sua história, contribuiu de forma importante no cenário acadêmico-científico da Educação Física.

Prof. Dr. Marcelo Conte

Coordenador Institucional de Pesquisa ESEFJ



50 anos da ESEF

Celebrar 50 anos de uma instituição é uma grande conquista e uma vitória. A Escola Superior de Educação Física (ESEF) tem sido referência na região e parceira da Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ) há muitos anos. É tradicionalmente uma instituição pujante, que forma profissionais reconhecidos pelo mercado de trabalho, por sua graduação de qualidade.

A FMJ e a ESEF são autarquias municipais com foco na educação, priorizando o ensino de qualidade, com corpo docente de excelência e uma infraestrutura grandiosa que se baseia no Comprometimento, Responsabilidade Social, Ética e Transparência das ações.

A parceria vai além da graduação e envolve a Prefeitura Municipal de Jundiaí. Temos desenvolvido projetos conjuntos de Iniciação Científica, estimulando o estudante a ir além da graduação, buscando objetivos mais amplos que incorporam a ciência ao dia-a-dia do futuro profissional.

No ensino, os alunos aprendem através de acordos de cooperação envolvendo a FMJ e os futuros educadores físicos, que utilizam espaços externos e o laboratório da instituição parceira, com objetivo de oferecer uma formação completa e diferenciada. Mas nossa parceria vai além da graduação.

A Pós-Graduação da FMJ, com seus cursos de Mestrado e Doutorado, oferece também à ESEF a possibilidade de graduar seus professores, qualificando-os para o ensino e pesquisa.

Já os projetos de Extensão Universitária, desenvolvidos em parceria pelas duas autarquias, fornecem para o município informações e dados que auxiliam no desenvolvimento de programas de importante repercussão social, com foco nas crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Por tudo isso, nossa admiração e respeito à ESEF, que contribui de forma significativa para o desenvolvimento da nossa cidade, sendo considerada uma grande parceira da Faculdade de Medicina de Jundiaí e do Município.

Ao Prof. Davi Poit, e a todos que fazem parte do cinquentenário da Escola Superior de Educação Física neste ano de 2022, nossos sinceros parabéns! Estar à frente da ESEF é uma grande responsabilidade, mas certamente também um motivo de imensa satisfação, pois a escola forma profissionais que também vão cuidar da saúde, a exemplo de nós, médicos. Observar o crescimento desta tão renomada instituição, e a manutenção da qualidade do ensino, mesmo diante de tantos desafios, é recompensante!

Que os anos seguintes deste cinquentenário da ESEF sejam repletos de sucesso e muitas realizações. E que nossa estreita parceria seja fortalecida por novos projetos que contribuam para a saúde e bem estar da população da nossa querida Jundiaí!

Jundiaí, 27 de abril de 2022

Prof. Dr. Evaldo Marchi
Diretor da Faculdade de Medicina de Jundiaí

Relação dos 180 professores(as) em 50 anos de história

Daniel Presoto
 Danilo Antônio Corrêa Pinto Junior
 Dante de Rose Junior
 Davi Rodrigues Poit
 Débora Alice Machado da Silva
 Diná Teresa Ramos de Oliveira
 Douglas de Freitas Ascanio
 Edison Tayar
 Eduardo Vinícius Mota e Silva
 Elenir Vasconcellos
 Eliana de Lucca
 Elza Marina Mazzei Adolpho
 Enio Aparecido Lotierzo
 Eurico Alonço Malagodi
 Evaldo Marchi
 Evandro Cassiano de Lázari
 Evandro José Segura Y Griotes
 Fabiana Spina Martinelli
 Felizardo Costa Brandão
 Fernanda Vieira Merida
 Fernando Augusto Brochado
 Fernando Balbino
 Fernando Cesar Gouvea
 Fernando Max Lima da Conceição
 Flávia Maria Serra Ghirrotto
 Flavio Berthola Facca
 Francisco Manoel Netto Soares
 Francisco Rodrigues de Paula Junior
 Galileo de Souza Schioser
 Giovanna Regina Sarôa
 Glydiston Egberto de Oliveira Ananias
 Graciele Massoli Rodrigues
 Hélio José Maffia
 Hélio Rubens Betteli
 Helton Luiz Aparecido Defino
 Isabel Cristina Rossi Mazone
 Itibagi Rocha Machado
 Ivan Cação
 Janísio Xavier de Souza
 João Celso Fares Perez
 João Claudio Anveres Nogueira dos Reis
 João Francisco Braz
 João Guilherme Cren Chiminzazzo
 João Paulo Subirá Medina
 José Alfredo Andrade Vieira
 José Antonio Galego
 José Ari Carletti de Oliveira
 José Braulio Rosa Arruda
 José Carlos Bissoli
 José Geraldo Romanello Bueno
 José Júlio Gavião de Almeida
 José Lúcio Martins Machado
 José Luiz Moraes
 José Pedro Dias Júnior
 José Renato Nalini
 José Roberto Borsari
 Julia Paula Motta de Souza Pinto
 Juliana Bárbara Camargo Campos Gil
 Juliana Fagundes Jaco
 Juliana Scarazzatto
 Jurandir lenne
 Kizzy Fernandes Antualpa
 Kurt Kloetzel
 Laurizete Ferragut Passos
 Leandro Gonçalves
 Leonel Bonassi Machado
 Leonice Aparecida Doimo
 Lia Mara Rossi Ferragut
 Lilian Aparecida Ferreira
 Lilian Aparecida Marquione Siqueira
 Luciano Alegretti Mercadante
 Luis Carlos Batista
 Luis Felipe Milano Teixeira

Luiz Carlos Brollo
 Luiz Alberto Lorenzetto
 Luiz Antonio Trientini
 Luiz Marcelo Ribeiro da Luz
 Luiz Philippe Westin Cabral de Vasconcellos
 Luiz Roberto Innocente
 Luiz Vicentini
 Marcelo Conte
 Marcelo Renato Guerinio
 Maria Aparecida Mezzalira Gomes
 Maria Bernadete Rosa
 Maria Carolina Pedroso Scoz
 Maria Cesarina Gandara Barbosa Santos
 Maria Cristina Dal Pozzo Arzolla
 Maria José de Oliveira Santos
 Maria Lucia Faria de Barros
 Maria Teresa Krahenbuhl Leitão
 Maria Thereza Welker de Azevedo Genovez
 Marisia Aparecida Lepri Lebeis
 Miguel Cardozo do Lago
 Milton Cesar Prado da Silveira
 Naércio Correia dos Santos
 Nassib Cury
 Nestor José Mostério
 Norberto Rodrigues de Paula Junior
 Nurimar Valsecchi
 Olival Cardoso do Lago
 Orlando Sebastião Garcia
 Pedro Rocha Lemos
 Priscila Santos Donghia
 Ramiro Antonio Enrique Antezana Urquidi
 Renata Aparecida Miyabara
 Renata Costa Toledo Russo
 Renata Elsa Stark
 Renata Landucci Ortale
 Renata Rodrigues Miqueletto
 Rita de Cássia Fernandes Miranda
 Rita de Cássia Orsi
 Roberta Cortez Gaio
 Roberto de Araújo Cintra Junior
 Rogério Cecatti Bissoli
 Romeu Rodrigues de Souza
 Roseli Aparecida Pereira
 Roseli Rosangela Tavares
 Rudney Uezu
 Sara Maria Thomazzi
 Sergio Paulo Teixeira Pombo
 Sidimar Lucato
 Sidney Antonio Pires
 Sidney Netto
 Silmara Cristina Pasetto Corrêa
 Silvia Tayar
 Silvio Silva Sampaio
 Stefano Bigotti
 Takeshi Saito
 Tania Leandra Bandeira
 Tathiane Krahenbuhl
 Tatiana Passos Zylberg
 Thiago Augusto Costa de Oliveira
 Tirço José Merluzzi Filho
 Vagner Roberto Bergamo
 Valmir René Sala
 Vanda Regina de Almeida
 Vanderlei Seregati
 Vanor Wagner Rezende
 Vera Regina Toledo Camargo
 Vicente Genovez
 Vinicius Barroso Hirota
 Vitória Angelo Durigati
 Wagner Roberto da Silva
 Waldemir Washington Rezende
 Wilson Ytiro Kaetsu
 Zélia dos Santos

Adriano Rogério Celante
 Adriano Mastrorosa
 Afonso Antonio Machado
 Alaércio Borelli
 Alceu Eder Massucato
 Alessandro Hervaldo Nicolai Ré
 Alessandro Tosim
 Alex Antonio Florindo
 Alex Natal Sobrinho
 André Luis Aroni
 Antonio Augusto de Carvalho
 Antonio Carlos de Quadros Junior
 Antonio Carlos Farcic
 Antonio Carlos Nasi
 Antonio de Pádua Báfero
 Antonio Luiz Amadesi Gomes
 Antonio Luiz Cury de Mello
 Arcilio Tavares
 Armando Henrique Potente
 Atilio Denardi Alegre
 Bettina Ursula W. Ried
 Brasil Campos Junior
 Carlos Alberto Serafim
 Carlos Augusto Mota Calabresi
 Carlos Catalano Calleja
 Carlos Roberto Luz
 Cássia Sigolo Rodrigues
 Cassio Jugurtha Fraga
 Ciro Winckler de Oliveira Filho
 Claudio Manuel Horta Duque
 Cleuza Maria de Almeida
 Clovis Nascimento
 Cristiane Machado
 Daniel Martins Bavoso

Relação dos 125 servidores(as) em 50 anos de história

Adenilton Roberto dos Santos
Aiko Shibukawa Martins
Alessandra Regina Maranhão
Alzira Aguilera Araújo
Ana Carolina Fontanelli
Ana Cecília Rocha de Melo
Anderson Magno Martins dos Santos
Anésio Felipe da Silva
Angela Molina Trajano de Moraes Costa
Angelo Domingues Izidoro
Antenor Felisberto
Antonio Gottardi
Augusta Cristina Felix
Auirce Maria Lopes
Benedito Aparecido Fiorante Sette
Carina Cristina Narcizo
Célia Aparecida Simão Silva
Célia Sakai
Cesar Renato Tavares de Oliveira
Cidinéia Coutinho da Silva Mendonça
Claudio Roberto Lazaro
Cristina Aparecida Pansarim
Daniela Fernanda Bodo
Danielle Tega
Delma Castro Magalhães
Domingos José da Silva
Eduardo Guedes Daguani
Eliana de Souza
Elísia Tejima Oda
Érica Kelementi Biondi
Eva Maria da Costa
Fábio Zális Rosa
Glauce Sayuri Maçonato
Graziela Beatriz Ferreira Coesma
Guilherme Cosimato de Vasconcelos
Henrique José Bocanera
Idália Maria Barbosa Silva
Irailda Vieira de Barros Ramos
Irene Aguilera Araujo Espírito Santo
Irineu Bulisani
Irmo de Paula
Isaac Lourenço Buhnemann
Itamar dos Santos Vital
Ivanize Albuquerque Marques
Jair Sebastião de Souza Júnior
Janete Alves dos Santos Schiavo
Jessica Sanches
Jordania Sousa Rodrigues
Jorge Luiz Ramos
José Aparecido Corrêa Leite
José Aprígio da Silva

José Carlos Gonfinete
José Heraldo Salles
José Mário Bianchi
Julieta Pereira da Silva Santana
Julio Cesar da Silva
Kauê Ricardo Tedesco da Silva
Leila Lúcia Carbonari
Ligia Garcia Pereira da Costa
Luciana Avila
Luciana Baldo
Luciana de Cássia Perini
Luís Antonio Berti
Luis Felipe Araújo
Luiz Antonio Pinto
Luiz Antonio Romani
Manoel Aparecido de Góes
Marcia Ardília Prandini
Marco Alberto Tavares de Oliveira
Marco Antonio Cieni
Marcos Francisco Donizetti Cerachiani
Margô Aparecida Alves da Silva
Maria Adalgiza Barreto
Maria Aparecida Rosa Preto
Maria Aparecida Rufino Mendes
Maria Aparecida Vasconcellos
Maria Aparecida Vaz
Maria Celia Maso
Maria das Graças Passos
Maria das Mercês Galvão Silva
Maria de Fátima Alves Maia
Maria Dias Seregati
Maria Douralice Lima Valeriano de Souza
Maria Ione de Castro Matheus
Maria Regina de Oliveira
Maria Zenilda Gomes
Mariza de Souza
Marlete Cardoso de Carvalho
Maurício de Mello Martinho
Marta Regina Matheus
Michelle de Fátima Gaiotto Pinto Bigardi
Muriel Teciane Thomazine
Neuza Aparecida da Cruz Rosa
Olival Cardoso do Lago
Pedro Messias
Priscila Rodrigues Fernandes
Regilda Clemenche
Renilda Aroucha do Nascimento Ribeiro
Ricardo Alves Manacero
Ricardo Cavalcante
Ricardo Fraulo
Ricardo Linhares Arruda

Rita de Cássia Bertolino
Rita de Cássia Leme
Rosalina Maria de Góes
Rosana dos Santos Pereira Leite
Rose Mary Aparecida Antunes
Rose Mary Rufino
Rosemary Antonia Ienne
Sandra Regina Figueira
Sérgio Togni de Almeida
Sílvia Eli Beltrami da Costa Marques
Sílvia Elizabete Arvigo
Sílvia Rodrigues Telles
Sílvio Ceolin
Sonia Aparecida de Souza
Sonia Magali Martelo
Sueli da Costa Brandão
Ubiratan da Silva Castro
Valdemar Constantino
Valdete Pereira da Silva
Valma Aparecida de Oliveira
Vania Lucia Ferreira
Vicente Jacó da Silva
Vili Bussiweg

SERVIDORES

HINO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE JUNDIAÍ

Letra e música de: A. Julião R. Marques e Suzana M. S. Marques

1 Adim G Amr G Amr
Erguida em colina verde-

6 G Am G Am
jan - te, ao som d'auroraá luzdo arrebol. És templo és glóriaés sabedori - a, en-

11 Gm G E
si-nas o labor de sol a so - ol. Discípulos e-ter-nos timonei - ros, com ardor ju - ve-

16 Am A dim G A G 1.
nil, Educandog corpo, com mente sadia, para a glória do Brasil! Er -

21 2. C Am C Dm
Oh, estrela ra - dio - sa, Ho-sa-na en - toas a brincar, Oh, cruzeiro re-lu-

26 Am C
zen - te, ra - io de luz num altar, Oh, juventude gar-bo - sa,

31 C A F G
a - pren-de pa-ra ensinar, que quando a mente é sã o cor-po é pu-ro pa - ra a -

36 C F
mar, que quando a men - te é sã o cõr - po é

39 B
pu - ro pa - ra a - mar! E - SE - F és a es - pe -

42 Em B
ran - ça. Sen - ti - mos or - gulho de ti. És

45 E Am Em B Em D D.C
al - ma desta juven - tu - de que ha - bi - ta Jun - dia - í! Er -



Educação Física
Aí



www.esef.br